



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CAMPUS GRAJAÚ
CURSO DE LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS
HUMANAS/GEOGRAFIA

PAULINO DOS SANTOS FONTENELE

**RELIGIÃO E CIÊNCIA NA PRÁTICA MISSIONÁRIA DE FREI ALBERTO
BERETTA EM GRAJAÚ-MA**

GRAJAÚ – MA
2023

PAULINO DOS SANTOS FONTENELE

**RELIGIÃO E CIÊNCIA NA PRÁTICA MISSIONÁRIA DE FREI ALBERTO
BERETTA EM GRAJAÚ-MA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas - Geografia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA Campus Grajaú como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Ciências Humanas – Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Ubiratane de Moraes Rodrigues

Grajaú – MA

2023

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

dos Santos Fontenele, Paulino.

RELIGIÃO E CIÊNCIA NA PRÁTICA MISSIONÁRIA DE FREI
ALBERTO BERETTA EM GRAJAÚ MARANHÃO / Paulino dos Santos
Fontenele. - 2023.

63 p.

Orientador(a): Ubiratane de Moraes Rodrigues.

Curso de Ciências Humanas - Geografia, Universidade
Federal do Maranhão, Grajaú Maranhão, 2023.

1. Ciência. 2. Frei Alberto. 3. Galileu. 4.
Religião. I. de Moraes Rodrigues, Ubiratane. II. Título.

PAULINO DOS SANTOS FONTENELE

**RELIGIÃO E CIÊNCIA NA PRÁTICA MISSIONÁRIA DE FREI ALBERTO
BERETTA EM GRAJAÚ-MA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas - Geografia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA Campus Grajaú como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Ciências Humanas - Geografia.

PAULINO DOS SANTOS FONTENELE

Aprovado em: Grajaú - MA, 12 de setembro de 2023

BANCA EXAMINADORA

Prof.º Dr. Ubiratane de Moraes Rodrigues (Orientador)

Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Prof. Dr. Marcos Nicolau Santos da Silva
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Prof.ª Dr. LUCIANO ROCHA DA PENHA
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

DEDICATÓRIA

À minha mãe, Josefa, que tanto lutou pelos estudos de seus 8 filhos, dos quais sou o quinto. Em 2003, quando ainda morávamos na roça (povoado Cabeceiras, município de Arame) tomou uma decisão de trazer os filhos para a cidade para estudar e assim o fez. Na época, eu ainda não havia completado meus dez anos, mas lembro-me que viemos quase sem nada, afinal, não tínhamos muitas coisas mesmo. Ela trouxe alguns sacos de farinha para vender e pagar o carro no qual viemos. Ficamos na casa da minha tia, que bondosamente tanto nos ajudou.

Mãe, por toda a sua luta, por enfrentar o mundo por nós, muito obrigado! Gratidão a Deus pelo dom precioso da sua vida.

À minha esposa, Raquel, companheira que compartilha as alegrias e tristezas, apoio e incentivo.

Aos meus filhos: Leontina Cristina, Clara Cristina e Pedro Ângelo, inspiração para superar as adversidades e força que impulsiona a caminhada.

Aos meus irmãos, união que me fortalece.

Ao Reverendíssimo Padre Pedro Ângelo Roscio Ricon, grande amigo que Deus colocou em meu caminho

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, Senhor da vida e da história, que me abençoou e me sustentou em sua Divina Graça, permitindo que mesmo em meio a tantos desafios eu pudesse concluir a minha graduação.

Agradeço a Nossa Senhora, mãe do céu, que me acompanha em todos os momentos com seu amor materno.

Aos meus pais, de modo especial à minha, Josefa, minha base, mulher guerreira que não mediu esforços para que eu chegasse até aqui.

Agradeço à minha esposa, Raquel pela força e incentivo. Gratidão por compartilhar a vida, comungando dos mesmos ideais.

Aos meus irmãos, pela união que nos fortalece e pelo carinho particular de cada um.

Agradeço ao Reverendíssimo Padre Pedro Ângelo, um missionário apaixonado, que fala de Jesus com sua humildade e simplicidade. Uma verdadeira fonte de sabedoria e entusiasmo. Foi quem me ajudou desde o ensino médio, conseguindo uma bolsa de estudos junto à diocese de Grajaú. Sempre me incentivou e me ajudou na escolha do curso. Buscou materiais e compartilhou vários testemunhos da vida de frei Alberto. Gratidão a Deus pelo dom de sua vida e seu ministério.

Aos professores do curso de Licenciatura Interdisciplinar em ciências Humanas/Geografia do campus Grajaú, que sabiamente compartilharam seus conhecimentos durante esta jornada, procurando sempre nos fazer traçar um olhar crítico acerca da realidade e da história e olhar novos horizontes, traçando novos projetos e perspectivas. Gratidão a cada um em particular pelo incentivo e a compreensão, sobretudo pela paciência. Serei eternamente grato.

Agradeço às irmãs da Congregação Pequenas Apóstolas de Jesus, do bairro Extrema pelos materiais cedidos, pelo incentivo e pela amizade. Que Deus vos recompense.

Agradeço ao bispo Diocesano de Grajaú, dom Rubival e à Irmã Maria Clara, chanceler da diocese, pelo material cedido e pelo incentivo. Deus vos cubra de bênçãos abundantes.

Agradeço à irmã Cleise Regina, da congregação das Irmãs de Maria Menina, pela ajuda preciosa na aquisição de materiais e por se colocar à disposição em ajudar.

Agradeço à minha tia Alzira e tio Daniel, pelo apoio que deram à nossa família, sobretudo cedendo a casa para morarmos. Gratidão pela vossa generosidade.

Agradeço ao meu orientador, professor Ubiratane, pelo incentivo, pelos materiais, pela paciência, pela dedicação com os quais me acompanhou. Gratidão por todo o zelo e sabedoria que são, dentre tantas outras, suas qualidades incontestáveis. Gratidão por acreditar e me fazer acreditar no meu potencial. Deus lhe recompense por tudo.

Agradeço aos meus colegas por compartilharem tantos momentos nesta jornada, de modo especial ao nosso grupo de trabalhos (de quase sempre): Francisca, Raiane, Gabriele e Mauricleia.

Agradeço a cada amigo que me incentivou, me deu uma palavra amiga, e que rezou por mim. Gratidão a todos que torceram e ajudaram na minha caminhada.

Agradeço à empresa Pacheco Gás, na qual sou colaborador, por fixar um horário de trabalho que me permitiu conciliar estudo e trabalho.

Agradeço à direção do campus UFMA Grajaú, à equipe da coordenação do Curso, ao Núcleo de Assistência Estudantil (NAE), técnicos, bibliotecários, pessoal da segurança, à equipe da limpeza. A todos que fazem parte desta instituição, minha gratidão.

RESUMO

O presente trabalho busca discutir a relação entre ciência e religião na prática missionária do servo de Deus Frei Alberto Beretta em Grajaú Maranhão. Para isso, analisamos as cartas de Galileu Galilei, nas quais defendia que a igreja deveria interessar-se somente das coisas relacionadas à salvação das almas e que a ciência poderia caminhar de forma independente e chegar a determinadas conclusões por meio de demonstrações e experimentos. Galileu procurava mostrar às autoridades eclesiais que não havia contradição entre o sistema de Nicolau Copérnico sobre a mobilidade da Terra e a imobilidade do Sol. Por outro lado, o missionário italiano frei Alberto Beretta que viveu em Grajaú cerca de 33 anos, viveu uma intensa missão na qual religião e ciência encontraram harmonia em sua prática missionária. O religioso percorria a região da prelazia de São José de Grajaú evangelizando e curando o povo em suas enfermidades. Fez várias especializações, tendo em vista que, como médico, estaria sozinho, em uma extensa região. Constatamos que religião e ciência formam um par que podem nutrir e fortalecer a vida, fazendo-a abundante, a exemplo do testemunho autêntico da missão vivida por Frei Alberto Beretta, que unindo uma à outra, obteve tamanho êxito em sua jornada missionária.

Palavras-chave: Frei Alberto, Ciência, Galileu, Religião.

ABSTRACT

The present work seeks to discuss the relationship between science and religion in the missionary practice of the Servant of God Friar Alberto Beretta in Grajaú Maranhão. For this, we analyzed the letters of Galileo Galilei, in which he defended that the church should only be interested in things related to the salvation of souls and that science could walk independently and reach certain conclusions through demonstrations and experiments. Galileo tried to show the ecclesiastical authorities that there was no contradiction between Nicolaus Copernicus' system on the mobility of the Earth and the immobility of the Sun. On the other hand, the Italian missionary Friar Alberto Beretta, who lived in Grajaú for about 33 years, lived an intense in which religion and science found harmony in their missionary practice. The religious traveled through the region of the prelature of São José de Grajaú evangelizing and healing the people in their illnesses. He made several specializations, considering that, as a doctor, he would be alone, in a large region. We found that religion and science form a pair that can nourish and strengthen life, making it abundant, like the authentic testimony of the mission lived by Friar Alberto Beretta, who, uniting one to the other, obtained such success in his missionary journey.

KEYWORDS: Friar Alberto. Science. Religion. Galileo.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	9
2. CIÊNCIA E RELIGIÃO NAS CARTAS DE GALILEU	14
2.1 Cartas de Galileu Galilei sobre o acordo do sistema Copernicano com a bíblia .	16
2.2 Julgamento condenação	27
3. CIÊNCIA E RELIGIÃO NA PRÁTICA MISSIONÁRIA DE FREI ALBERTO BERETTA EM GRAJAÚ MARANHÃO	32
3.1 A vida do “santo de Grajaú”	34
3.2 Uma família de Fé unida na Caridade	43
4. FREI ALBERTO E A RELAÇÃO COM A CIÊNCIA/MEDICINA	46
4.2 Santidade: entre fé e ciência	52
5. CONCLUSÃO	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61

1. INTRODUÇÃO

Religião e Ciência, ao longo da história, em diferentes momentos, opunham-se com veemência. Deste modo, buscamos refletir como esse par tem uma ligação profunda que conduz à verdade, conforme veremos em Galileu Galilei e na prática missionária de Frei Alberto Beretta. Ambos, por diferentes caminhos, vivenciaram a busca profunda dessa conciliação.

Harrison (2007) afirma que o termo ciência, como a reconhecemos hoje, somente foi construído a partir do século XIX e que por esse motivo, falar na relação entre ciência e religião antes disso, requer atenção. Do mesmo modo, enfatiza que a ideia que temos hoje de “religião” foi inventada durante o curso do Iluminismo europeu, no despertar da fragmentação pós-Reforma. Por isso enfatiza a importância da “história da construção cultural de cada categoria” (HARRISON, 2007, p. 11) quando se unem estes termos (ciência e religião).

A ciência era entendida como filosofia natural e a Religião como coisa referente à matéria de fé Galileu (2009). Assim, trazemos para a nossa análise o entendimento moderno tanto de ciência como de religião, uma vez que a discussão acerca da constituição das mesmas não interfere na nossa discussão, a saber mostrar a relação entre ciência e religião nas práticas missionárias de Frei Alberto Beretta.

Um dos pontos cruciais do nosso trabalho vai de encontro à idade média, no período da inquisição, onde analisamos a vida de Galileu Galilei, na tentativa de mostrar que a fé, por meio das escrituras sagradas, não se opunha à ciência e vice-versa. No entanto, na busca dessa conciliação, Galileu acabou por entrar em choque com o sistema religioso predominante, a Igreja Católica Romana.

Ora, o motivo pelo qual “a igreja” não aprovava as ideias de Galileu vinha de uma leitura ao “pé da letra” por parte dos clérigos. Agindo assim, suas cartas na defesa do sistema copernicano, geraram conflito, pois um leigo, sem a devida formação teológica tentava mostrar um novo olhar na interpretação da bíblia. No entanto, mesmo com convicção daquilo que defendia, não se achava doutor das escrituras, mas reconhecia-se ignorante diante dos clérigos (GALILEI, 2009, p. 46).

Podemos então, a partir disso analisar que neste momento, religião e ciência estavam em choque, mas devido à mentalidade dessa época. Assim, novas ideias e/ou manifestações humanas que buscassem publicamente naquele momento,

mostrar o contrário do que pregava o pensamento religioso dominante, estaria sujeito a sofrer as sanções impostas pelo sistema e isso levaria à condenação pelo tribunal eclesiástico.

O Iluminismo europeu surgiu com ideias que buscavam romper com o sistema da época, procurando fazer uma divisão entre o conhecimento “científico” e a atuação da religião como ditadora das verdades. Isso fortaleceu o desenvolvimento de novas formas de pensar e o uso da razão que não passaria mais pela “peneira” da igreja. Logo, a liberdade deu asas à razão em detrimento daquilo que a igreja pregava. Assim, a ciência poderia caminhar independente da igreja, embora tenham se unido em diversos pontos e momentos da história, como ainda acontece em nossos dias.

Ora, se levarmos em conta o processo de canonização de um santo, na igreja católica, ciência e religião são inseparáveis. A fama de santidade demonstrada pelo servo de Deus durante sua vida depende dessas duas áreas. Pois para canonização o povo deve ser ouvido e documentos devidamente catalogados. No que se refere a milagres, antes de a igreja declarar qualquer afirmação o caso deve ser investigado pela ciência e só se proclama, de fato, o milagre quando após a investigação a ciência não tiver uma explicação racional. Neste sentido, ciência e religião complementam-se.

Para nós, ciência e religião aproximam-se, dialogam e complementam-se. Isso é nítido na prática missionária de Frei Alberto. Ele foi um cientista (médico) apaixonado que procurou especializar-se nas mais diversas áreas para atuar junto a um povo sofrido, sem acesso aos serviços de saúde. Além disso, era um sacerdote zeloso, que foi ordenado padre, e mesmo exercendo o ministério sacerdotal exercia a medicina como parte intrínseca de sua missão.

Frei Alberto, em sua vida, mostrou que religião e ciência convivem harmonicamente, e para que sua missão produzisse os frutos que produziu, ambas foram inseparáveis. Neste sentido, muitos procedimentos realizados pelo médico missionário, eram frutos que além das habilidades de um médico, precisavam também de uma ajuda exterior, ou seja, “*de seu amigo especial*”. (CRISTOFOLINI, 2011. p. 84). Ainda acerca da relação entre ciência e religião na missão de Frei Alberto, podemos destacar a sua dupla missão de curar as feridas do corpo e da alma, conforme relata CRISTOFOLINI (2011, p. 84)

Diante disso, notamos uma interdependência entre religião e ciência na vida e missão de Frei Alberto. Isso fica muito claro desde o início, quando o mesmo manifestou, após a morte de seu pai, o desejo de atuar como médico e missionário nas terras grajauenses (CRISTOFOLINI, 2011. p. 40).

Quando pensamos na relação ciência e religião devemos lembrar ainda, que a religião cristã, mais precisamente a igreja católica, sempre esteve por meio de seus clérigos imersa nas mais diversas áreas do conhecimento. Assim, a religião tornou-se uma importante fonte de onde saíam muitas descobertas científicas, frutos de estudos e observações, sobretudo de padres e religiosos.

Antes mesmo de Frei Alberto, muitos religiosos o precederam. Rodrigues e Júnior (2022) destacam alguns dos mais importantes e suas descobertas/teorias, a começar pelo precursor de Copérnico: Nicolau de Oresme, bispo de Lisieux, de cuja ideia central defendia “a ideia de que a terra gira em torno do seu próprio eixo” (RODRIGUES e JÚNIOR, 2022, p. 7).

Na teoria heliocêntrica temos Nicolau Copérnico, que apesar de controvérsias, é apresentado como pertencente à “Congregação reformada dos Cônegos Agostinianos” (RODRIGUES e JÚNIOR, 2022, p. 8). Os mesmos autores conferem a fundação da Hidráulica e a criação do pluviômetro ao padre Benedetto Castelli, que foi um importante discípulo de Galileu. Além disso, os autores enfatizam a criação da Citologia atribuída aos sacerdotes Bonaventura Corti e Jean-Baptiste Carnoy. Já o padre Gregor Mendel “é reconhecido como fundador das bases da genética. Através de suas pesquisas realizadas com ervilhas trouxe grandes descobertas acerca da genética e a lei da hereditariedade” (RODRIGUES e JÚNIOR, 2022, p. 12). Destacamos que os estudos de Mendel o levaram ao pioneirismo no campo da genética.

A teoria do Big Bang foi criada pelo padre George Eduard Lemaître. (RODRIGUES e JÚNIOR, 2022, p.14). Essa teoria ainda gera discussões, sobretudo porque contraria versão da criação da bíblia, segundo a qual, Deus criou tudo por meio da palavra e fez o homem do barro (Gn 1, 1-30; 2, 5).

Refletir sobre a vida de Frei Alberto é traçar um olhar sobre a vivência da fé autêntica de um religioso apaixonado pela missão católica, e ao mesmo tempo, um ser humano apaixonado pela ciência, pois, dedicava-se com fervor ao aprimoramento

de técnicas, gerando novas descobertas às quais aplicava com muita sabedoria no tratamento das enfermidades do povo.

Com relação à vida de Frei Alberto e a ciência, buscamos uma relação com a vida de Galileu Galilei. Em outras palavras buscamos mostrar como a vida desses dois homens aponta reflexões para pensarmos o par ciência-fé, levando em consideração seus contextos históricos.

Galileu Galilei, buscava mostrar às autoridades de sua época que não havia contradição entre o sistema copernicano e a bíblia, fazendo observações que comprovassem o sistema de Copérnico acerca da mobilidade da Terra e a imobilidade do Sol e de outras descobertas feitas por meio de observações do espaço. No que diz respeito a Frei Alberto Beretta, sua atividade de sacerdote estava ligada ao exercício da medicina, este veio em missão à então prelazia¹ de São José de Grajaú, onde até então não havia presença de médicos e conseqüentemente a população vivia vulnerável e sem amparo quando se tratava de saúde.

Além de ser um grande sacerdote, que se deslocava quilômetros e quilômetros para celebrar a Eucaristia, fazer catequese e atender confissões era também um dedicado médico que percorria grandes distâncias e locais isolados, curando e levando esperança a todos quantos o viam e ouviam. Entender a prática missionária de Frei Alberto, nos permitirá compreender como a ciência e a fé complementam-se mutuamente, quando há sabedoria suficiente para entendê-las como dom de Deus.

Assim, neste trabalho, analisamos a relação entre a ciência e a religião na vida do médico missionário, relacionando com a missão de Galileu, refletimos o quanto a religião e a ciência andaram lado a lado na prática missionária de Frei Alberto e quanto ambas permitiram o bom êxito de uma exigente missão à qual foi chamado.

Para o desenvolvimento deste trabalho fizemos uma pesquisa bibliográfica e documental, tendo como referências principais *Frei Alberto Beretta: O Herói Santo de Grajaú* de Hilário Cristofolini; *Ciência e fé* de Galileu Galilei, entre outras.

¹ De acordo com o Código de Direito Canônico da Igreja Católica, “a prelazia” é uma determinada porção do povo de Deus, territorialmente delimitada, cujo cuidado, por circunstâncias especiais, é confiado a um Prelado ou Abade, que a governa como seu próprio pastor, à semelhança do Bispo diocesano.” (Cân. 370). A prelazia de São José de Grajaú foi criada em 10 de Fevereiro de 1922 por meio da bula RATIONI CONGRUIT por meio da qual o papa Pio XI, sucessor de Bento XV eleva a Diocese de São Luís a Arquidiocese e sede de Província Eclesiástica e, ao mesmo tempo, cria a PRELAZIA DE SÃO JOSÉ DE GRAJAÚ.

Por meio da pesquisa bibliográfica e documental foi possível conhecer um pouco a vida de Frei Alberto, bem como sua prática missionária em Grajaú. Além disso, foi possível compreender como se deu o chamado à vocação, seu amadurecimento e sua fecunda missão em terras maranhenses.

Por outro lado, por meio da análise das cartas de Galileu foi possível entender o esforço desse filósofo para mostrar uma alternativa na qual não se condenasse a ciência em detrimento da fé, mas que ambas poderiam coexistir.

A escolha deste tema se deu após algumas reuniões com meu orientador, professor Ubiratane e revela a minha admiração por este grande missionário da caridade que viveu em Grajaú, semeando as sementes do evangelho, plantando alegria e dando dignidade a muitas pessoas que se encontravam sem esperança.

Para melhor alcance de nosso objetivo, este trabalho será dividido em cinco partes, a primeira parte é esta introdução, a segunda parte está intitulada *ciência e religião nas cartas em Galileu*. Aqui apresentaremos uma breve biografia de Galileu Galilei, situando o período em que viveu e suas cartas cujo objetivo era mostrar que não havia contradição entre as Sagradas Escrituras e o sistema de Nicolau Copérnico.

A terceira parte chama-se *Ciência e religião na prática missionária de Frei Alberto Beretta em Grajaú Maranhão*. Neste capítulo abordaremos a trajetória do médico missionário frei Alberto Beretta, suas origens e as raízes de sua vocação, tanto ao ministério ordenado como também de sua formação acadêmica, destacando Gianna Beretta, sua irmã que foi proclamada santa pela igreja Católica

A quarta parte dessa monografia é o capítulo intitulado *Frei Alberto e a relação com a ciência/medicina*. Nesse momento de nosso trabalho apresentaremos a relação da religião com a ciência na prática missionária de frei Alberto, destacando seus principais trabalhos e sua presença missionária junto aos povos indígenas e aos doentes, sobretudo aos hansenianos. Por fim apresentaremos nossas conclusões na quinta e última parte de nosso trabalho.

2. CIÊNCIA E RELIGIÃO NAS CARTAS DE GALILEU.

Galileu Galilei viveu num período de grandes desafios em todos os campos da história, o início da modernidade. Para muitos é considerado sem grandes avanços para a humanidade. Desta forma, grandes historiadores mostram a importância desse período da história para o desenvolvimento da humanidade. Grandes técnicas foram aperfeiçoadas e desenvolveram significativamente a agricultura; descobertas na área da medicina; produções intelectuais; etc.

Observamos também que na Idade Média havia o domínio da Igreja Católica, que impunha sua autoridade no controle das produções intelectuais e experimentos da sociedade. Neste sentido, Galileu Galilei consagra-se pela audácia diante da igreja, que por meio da inquisição, “uma instituição típica da Contrarreforma” (MARICONDA, 2000, p. 85) abria processos e condenava aqueles que tinham comportamentos em desacordo com o que pregava a Igreja Católica. Ainda segundo Mariconda (2000, p. 112), a inquisição

Trata-se, na verdade, de uma congregação de cardeais dotada de poderes de exceção a fim de extirpar a “perversidade herética” do seio da comunidade cristã. [...] Conferimos, além disso, o poder de proceder com o sistema da inquisição ou da investigação; de encarcerar quem quer que resulte culpável ou suspeito com base nos indícios mencionados acima; de proceder contra eles até a sentença final; de punir quem foi considerado culpado, com penas adequadas em conformidade às sanções canônicas; e de confiscar, sob a norma da lei, os bens dos condenados à pena de morte.

Ora, mesmo mostrando-se um fiel fervoroso da igreja católica, Galilei foi ousado ao tentar mostrar que a ciência não contradiz a bíblia. Assim, escreveu várias cartas nas quais explicava o copernicanismo, relacionando com as sagradas escrituras, das quais propunha uma interpretação além do sentido literal das palavras.

Mesmo não obtendo êxito naquele momento, Galileu “foi a voz que ecoou” diante da postura controladora da igreja naquele período, defendendo a liberdade e a independência da pesquisa científica (MARICONDA, 2000, p. 97) e propondo um novo olhar acerca da interpretação das sagradas escrituras

Ressalta-se também que neste período, além de condenar práticas contrárias à fé da igreja (como já fazia na baixa idade média), a reforma protestante era um dos pontos que ganhava destaque na história e foi neste período que a inquisição teve seu apogeu.

Galileu Galilei nasceu na cidade de Pisa, na Itália, aos 15 de fevereiro de 1564. Físico, matemático, astrônomo, filósofo e literato. Com grande potencial em arte criou diversas pinturas e, com habilidades artísticas fabricava brinquedos e engenhocas. Galilei também desenvolveu talentos musicais e tocava órgão e cítara. Ingressou na Universidade de Pisa para estudar medicina em 1583, impulsionado pelo desejo de seu pai, Vincenzo Galilei, que era “músico e teórico da música, descendente de uma tradicional família de Florença destacada na medicina e negócios públicos²”. Cerca de dois anos depois, em 1585, abandonou o curso de medicina para estudar matemática e no mesmo ano foi convidado a lecionar em Florença. Neste período Galilei destacou-se com diversas pesquisas em geometria.

Em 1589 Galilei foi convidado a lecionar matemática na Universidade de Pisa. Neste período Galilei ainda não tinha o título superior e isso não era visto de bom grado por alguns professores. Como se a falta do título não bastasse, outro ponto que agitava o ambiente entre Galilei e alguns professores Universidade de Pisa diz respeito à dúvida que este impunha sobre a ciência Aristotélica.

Em 1592 Galilei foi nomeado para lecionar matemática na Universidade de Pádua. Foi conhecido e ganhou admiradores e adeptos de suas ideias, mas também, muitos adeptos das ideias de Aristóteles que conflitavam com Galilei.

Em 1597 Galilei escreveu a um antigo colega em Pisa, Jacopo Mazzoni, defendendo o sistema copernicano e em 1612 escreveu "Letterson Sunspots" (Cartas sobre manchas solares), este foi publicado em Roma pela Accademia dei Lincei em 1613. Nele, Galilei fala abertamente sobre o sistema de Copérnico e a partir de então iniciam-se sucessivas críticas e ataques por parte da Igreja Católica, que até então “controlava a ciência”. O momento mais crítico se deu em 1614 após Benedetto Castelli revelar a um influente padre dominicano uma longa carta na qual Galilei escrevendo a Castelli condenava a interferência teológica em questões puramente científicas (GALILEI, 2011, p. 97). O sacerdote dominicano encaminhou a carta para uma investigação da inquisição romana. A partir de então, Galilei escreve diversas cartas nas quais defende um acordo do sistema copernicano com as Sagradas Escrituras.

Em 1632 Galilei publica o *Diálogo*. Este tem um curto período de circulação. Cerca de cinco meses após a publicação o livro foi proibido e Galilei foi advertido a

² <https://www.fem.unicamp.br/~em313/paginas/person/galileu.htm>

não defender as ideias escritas no mesmo. No mês seguinte Galilei é intimado pelo inquisidor de Florença a comparecer diante do Comissário Geral do Santo Ofício em Roma. No dia 22 de junho de 1633, foi pronunciada a sentença de proibição do livro *Diálogo* e Galileu foi obrigado, com vestes de penitente, a ler publicamente e assinar a renegação no mosteiro de Santa Maria sobre Minerva. Galileu viveu cerca de quatro anos completamente cego e morreu em Arcetri no início de 1642, com quase 78 anos.

2.1 Cartas de Galileu Galilei sobre o acordo do sistema Copernicano com a bíblia

As cartas de Galileu Galilei foram escritas no contexto da inquisição da Igreja Católica Romana no início do século XVII. Nelas, Galilei apresenta argumentos defendendo a conciliação do sistema copernicano com a bíblia. Na carta escrita a dom Benedetto Castelli em 21 de dezembro de 1613, Galilei enfatiza que “a Sagrada Escritura não pode nunca mentir ou errar, mas serem os seus decretos de absoluta e inviolável verdade” (GALILEI, 2009, p. 18). Neste sentido, discorre acerca do livro de Josué no capítulo 10, versículos 12 e 13:

Então Josué falou ao Senhor, no dia em que o Senhor entregou os amorreus às mãos dos israelitas. Na presença de Israel ele exclamou: “Sol, detém-te sobre Gabaon, e tu, lua, sobre o vale de Aialon!” E o sol se deteve e a lua parou, até que o povo se vingasse dos inimigos. (Js 10, 12-13, CNBB, 2008).

Acerca desta passagem bíblica, Galilei ressalta que é necessário, ao interpretar as Escrituras Sagradas abrir mão de “deter-se sempre no puro significado das palavras” para que fossem evitados problemas como: contradições, heresias e até blasfêmias. Isso porque

na Escritura encontram-se muitas proposições, às quais, no sentido nu das palavras, tem aparência diversa do verdadeiro, mas foram apresentadas deste modo para adaptar-se à incapacidade do vulgo, assim, para aqueles poucos que merecem ser separados da plebe, é necessário que os sábios expositores mostrem o sentido verdadeiro e acrescentem-lhes as razões particulares por que foram proferidos sob tais palavras. (GALILEI, 2009, p. 19).

Deste modo, Galileu sugere que é necessária uma interpretação que possa ir além do sentido nu das palavras porque em algumas passagens das escrituras são

necessárias exposições diferentes do significado aparente das palavras ou que vá além do seu tom literal. Uma das explicações para isso seria de que o trecho bíblico foi escrito e transmitido em um contexto para a época e falar deste modo seria “acomodar-se à capacidade dos povos rudes e incultos” (GALILEI, 2009, p. 20 e esta seria a forma como o povo entenderia a mensagem de Deus e por isso muitas vezes estejam fora do seu som literal. Além disso, afirma ainda “que até mesmo coisas ditas e transmitidas com verdade nua e desvelada teriam, antes, prejudicado mais rápido a intenção primeira, tornando o vulgo mais renitente às persuasões dos artigos concernentes à salvação” (GALILEI, 2009, p. 20).

Neste sentido, muitas palavras nas Escrituras, mesmo num sentido figurado, são igualmente inspiradas pelo Espírito Santo e cabe aos sábios estudiosos da bíblia a interpretação, com os olhos fixos nas conclusões naturais e nas demonstrações (científicas) que os sentidos humanos forem capazes de identificar e isso é possível porque Deus dá o dom da sabedoria aos homens e ilumina por meio do Espírito Santo (Pv 2, 6, CNBB, p. 764, 2008).

Deste modo, Galileu enfatiza que o ser humano não conhece tudo do mundo cognoscível e questiona acerca dos limites do homem. Assim, aconselha de forma indireta a alguns clérigos que não tinham o conhecimento científico a não colocarem posicionamentos vazios, mas falar somente daquilo em que consistia a fé e a salvação, pois era notável que suas falas não eram inspiradas por Deus e tampouco usando inteligência em seus pronunciamentos, com interpretações mal-entendidas às quais eles pensavam ser o sentido verdadeiro das Escrituras.

Além disso, Galilei destaca que o mesmo Deus que dotou o homem “de sentidos, de discurso e de intelecto” (GALILEI, 2009, p. 21) dá inteligência para que o homem chegue aos conhecimentos acerca da natureza. Por isso, destaca que os primeiros escritores sagrados não tinham o objetivo de persuadir o povo acerca dos movimentos dos corpos celestes, tendo em vista a quantidade mínima e conclusões dispersas sobre o assunto, que estão contidos na bíblia e que se o objetivo fosse esse, não teriam tratado tão pouco e de forma superficial deste tema.

Sustentando seus argumentos, Galilei afirma que: “é impossível que duas verdades se contradigam” (GALILEI, 2009, p. 23) e destaca a importância do diálogo entre as partes e a cada uma seja dado o direito de ouvir e ser ouvido “por pessoas

entendedoras e não exageradamente alteradas pelas próprias paixões e interesses”. (GALILEI, 2009, p. 23)

Ainda acerca da passagem bíblica de Josué 10, 12-13, Galileu admitindo que as palavras do texto sagrado “tenham de ser tomadas, isto é, que Deus, a pedido de Josué, fizesse parar o sol e prolongasse o dia” (GALILEI, 2009, p. 23) e assim os israelitas conseguissem a vitória contra o inimigo mostra a incompatibilidade das ideias de Ptolomeu de abarcar essa realidade e coloca em evidência o sistema copernicano. Para isso, apresenta os movimentos de rotação e translação, atribuindo o movimento de rotação

ao mais alto céu, digo, do primeiro móvel, que arrasta consigo o sol e os outros planetas e também a esfera estrelada, obrigando-os a fazer uma rotação em torno da Terra, em 24 horas, com movimentos, como disse, como que contrário ao natural e próprio dele. (GALILEI, 2009, p. 24).

Desta forma, Galileu defende que quando o texto bíblico afirma

que Deus parou o sol, queria dizer que parou o primeiro móvel, mas que para acomodar-se à capacidade daqueles que, com dificuldade, são aptos para entender o nascer e o por do sol, ela dissesse o contrário do que teria dito, falando a homens sábios. (GALILEI, 2009, p. 25).

Galileu ressalta que se Deus tivesse parado somente o Sol, alteraria o curso normal da natureza e teria trocado a ordem, mas que é crível que Deus tenha parado todas as esferas celestes e após uma pausa, todo o sistema voltasse ao seu curso normal.

Na carta a Piero Dini, Galileu dirige-se ao reverendo, demonstrando bastante amizade e respeito, ao mesmo tempo em que recorda as investidas recebidas de um religioso durante uma pregação, contra a doutrina copernicana e seus seguidores. Deste modo, Galileu também afirma que, embora tenha recebido tais insultos nem sequer demonstrou insatisfação ou tentativa de revidar com palavras ou atos as palavras proferidas pelo frade.

Ainda na mesma carta, Galileu afirma que o mesmo religioso que provocara insultos contra os seguidores do sistema copernicano, ao voltar de Pisa, fez “pesar novamente a mão sobre Galilei” após ter em mãos uma cópia da carta que ele havia escrito a Dom Benedetto Castelli, matemático de Pisa.

Segundo a acusação do religioso, a carta de Galileu estava cheia de heresias. Por isso Galilei demonstra preocupação em relação à transcrição da carta, suspeitando de que quem a transcreveu tenha mudado algumas palavras, afirmando que

Esta mudança, unida com um pouco de inclinação para as críticas, pode fazer as coisas aparecerem muito diferentes da minha intenção. E porque alguns destes padres, em particular este mesmo que falou, vieram aqui para fazer, como julgo, alguma outra tentativa, com sua cópia, da minha citada carta, pareceu-me não ser fora de propósito enviar à Vossa Senhoria Reverendíssima uma cópia desta, exatamente da maneira como a escrevi. (GALILEI, 2009, p. 28).

De certa forma, mesmo apesar de Galileu já ter afirmado que não levantara a voz contra o “acusador” é possível perceber que ele começa a se desgastar com a situação da adulteração de sua carta, temendo que a igreja católica tomasse uma posição diante do exposto. Por esse motivo também pede a Piero Dini que a faça ler também Gruenberger, um padre matemático e amigo de Galilei. Certamente, colocando os dois como testemunhas de que não estava pregando heresia, policiando-se de uma reação da igreja.

Galileu ressalta que os religiosos mencionaram todos os trechos de sua carta, interpretando de forma particular, sem o mínimo de consciência e sem interesse de saber sobre as observações por ele realizadas. Além disso, afirma que nem tudo é questão de fé, mas que a natureza pode ser conhecida por meio de observações e experimentos.

Neste sentido, deixa claro que as coisas que não são de fé devem ser estudadas e observadas por pessoas entendidas do assunto. Por isso enfatiza “a liberdade da pesquisa” por meio das experiências e demonstrações, destacando que a obra de Copérnico era aceita há bastante tempo pela igreja e que por isso, antes de alguém querer condená-la, deveria conhecer a obra e sugere que pessoas “muitíssimo católicas e entendidas” examinassem sua doutrina e “ponderasse as razões”. Acerca das acusações proferidas pelos frades, Galileu afirma:

Agora, estes bons frades, só por um sentimento hostil contra mim, sabendo que eu estimo este autor, se gabam de dar-lhe o prêmio de seus trabalhos, fazendo com que seja declarado herético. Mas, o que é mais digno de consideração, sua primeira manobra contra esta opinião foi deixarem-se dominar por alguns malquerentes meus que a

pintaram como obra própria minha, sem dizer-lhes que ela já estava publicada há 70 anos. (GALILEI, 2009, p. 31).

Neste ponto Galileu destaca que os insultos que sofria se dava por conta dos acusadores não estarem atentos ao autor da obra, quando na verdade, o próprio Galilei era um admirador do mesmo, destacando também que seu posicionamento em concordância com a obra já gerava bastante comentários na sede da igreja católica.

Na carta escrita ao Monsenhor Piero Dini, de 23 de março de 1615, Galileu ressalta alguns pormenores do sistema copernicano e depois faz uma reflexão do salmo 18 que diz:

Por toda a Terra difundiu-se a sua voz e aos confins do mundo chegou a sua palavra. Lá ele armou uma tenda para o sol, ⁶que surge como o esposo do quarto nupcial; exulta como um herói que percorre o caminho. ⁷Ele nasce numa extremidade do céu e sua corrida alcança o outro extremo; nada escapa a seu calor (SI 19 (18), 5-7. CNBB, 2008).

Acerca desta passagem bíblica Galileu afirma que

Parece que na natureza encontra-se uma substância sutilíssima, tenuíssima e velocíssima que, difundindo-se pelo universo penetra por toda parte sem oposição, aquece, vivifica e torna fecundas todas as criaturas vivas (GALILEI, 2009, p. 41).

Desta forma, para Galileu, o corpo do Sol é o receptáculo deste espírito vivificador que vai além da luz e que penetra e dá vida por sua luz e calor. Assim, Galilei apresenta o Sol como um armazenador que recebe de fora luz e calor e que difunde sobre a natureza. Para isso justifica dizendo que mesmo antes da criação do Sol a bíblia mostra no livro do Genesis, capítulo 1 e versículo 2 que “o Espírito de Deus pairava sobre as águas”, e a primeira “obra” da criação é a luz que Deus faz por meio de sua palavra e separa das trevas (Gn, 1, 3-4).

No entanto, o corpo solar é criado somente no quarto dia conforme Genesis 1, 14. Por isso, afirma que “este espírito fecundante e esta luz difundida por todo o mundo confluem-se para unir-se e fortificar-se no corpo solar, por isso colocado no centro do universo: daí então tornada mais esplendida e vigorosa, difunde-se de novo” (GALILEI, 2009, p. 42).

Além disso, Galileu faz uma reflexão à luz do Salmo capítulo 17, versículo 16 que diz “Teu é o dia e tua é a noite; tu fabricaste a aurora e o sol”. Por meio desta passagem bíblica Galilei interpreta que mesmo antes de Deus criar o sol ele criou uma

luz semelhante à aurora que se fortifica e se difunde com o sol. Do mesmo modo, o sol se “alimenta de fora” e com sua luz e calor dá vida a todos os membros que se encontram em volta dele.

Para fundamentar seus comentários Galileu enfatiza que poderia citar diversos autores consagrados, mas resolve citar apenas uma passagem do livro “Os nomes divino”, até então atribuído a São Dionísio Areopagita no trecho que diz:

A luz também reúne faz convergir para ela todas as coisas que se veem, que se movem, que brilham, que se aquecem e, numa palavra, todas as coisas que são sustentadas pelo seu esplendor. Por isso o Sol é chamado Ílios, porque congrega e reúne todas as coisas dispersas. (GALILEI, 2009, p. 44).

Em suas cartas, Galileu vai escrevendo aos clérigos, sempre num espírito de respeito e reverência, mostrando-se bom cristão católico, obediente à igreja e a seus pastores. Desta forma, ao explicar as passagens já mencionadas dos Salmos, submete-se à obediência da igreja, afirmando: “...eu creia, falando com aquela humildade e reverência que devo à Santa Igreja e a todos os seus doutíssimos padres, por mim reverenciados e respeitados e a cujo juízo submeto-me e a todo o meu pensamento”. (GALILEI, 2009, p. 44).

E neste estilo de obediência explica que as passagens bíblicas não divergem das observações e descobertas, mas que estas passagens possuem sentidos que precisam ser analisados e interpretado fora do seu sentido literal, por isso mesmo já havia enfatizado anteriormente a necessidade de um estudo aprofundado da obra de Copérnico por religiosos sábios, despindo-se das roupas das paixões e acusações infundadas e assim, traçar um novo olhar acerca das passagens bíblicas que lhes eram lançados como contradições.

Além disso, Galilei menciona que mais do que falar sobre os movimentos do universo, o objetivo do salmo era louvar a lei divina e por isso o salmista compara-a com o corpo celeste.

Submetendo-se mais uma vez ao jugo da igreja e seus superiores, pedindo desculpas pela ousadia diante dos sábios doutores das sagradas escrituras de querer explicar os sentidos das passagens bíblicas, cita o versículo 8 do capítulo 19 (18) do livro dos Salmos que diz: “A lei do Senhor é perfeita, conforto para a alma; o testemunho do Senhor é verdadeiro, torna sábios os pequenos” (SI 19 (18), CNBB, 2008, p. 689).

Galileu enfatiza que esta passagem lhe fez entender que a graça de Deus lhe concedeu a sabedoria para tecer comentários acerca das passagens das sagradas escrituras, mesmo não sendo clérigo ou com a formação teológica. Essa passagem bíblica é vista por Galilei como o que dá credibilidade e ao mesmo tempo autoridade, já que ele, submetendo-se com humildade aos padres da igreja, explica o sentido por trás das palavras divinamente inspiradas por Deus.

Na carta à Senhora Cristina de Lorena, Grã-duquesa Mãe de Toscana, já no início, Galileu afirma que fez grandes descobertas do espaço celeste. Ao mesmo tempo, revela que tais descobertas fizeram muitos professores, não só rejeitarem tais descobertas, como também chegassem a publicar escritos que as rebatiam, usando, de forma errônea trechos das sagradas escrituras, interpretados de forma errada, sem o mínimo de zelo pela verdade, unicamente levados por suas paixões pessoais (GALILEI, 2009, p. 49).

Acerca de um cuidado com a verdade e ao mesmo tempo sobre a cautela com a qual esses professores deveriam ter agido quando se trata de coisas complexas. Cita Santo Agostinho, que

Ao falar de certa conclusão natural a respeito dos corpos celestes, escreve ele o seguinte: “Pelo momento, contentando-nos em observar uma piedosa reserva, nada devemos crer apressadamente sobre este assunto obscuro, no temor de que, por amor a nosso erro, rejeitemos o que a verdade, mais tarde poderia nos revelar não ser contrário de modo nenhum aos santos livros do Antigo e do Novo Testamento. (GALILEI, 2009, p. 50).

Dito isto, Galileu enfatiza que aqueles que não são movidos por inveja e, que realmente têm preocupação com o verdadeiro conhecimento, mostram-se mais abertos a entender tal doutrina e conseqüentemente aqueles que se colocam em tal disposição, com um verdadeiro espírito em busca da verdade, acabam aderindo a tais ideias.

Galileu também fala sobre os professores que estão apegados ao amor do primeiro erro, que por ignorância ou vaidade insistem em negar ou se omitem diante das particularidades comprovadas por sua observação. Deste modo, Galileu sustenta suas descobertas por meio de experimentos, afirmando que:

o sol, sem mudar de lugar permanece situado no centro das revoluções dos orbes celestes e que a terra, gira sobre si mesma, se move em torno dele ponto e, além disso percebendo que vou

confirmando tal posição [...] os quais refutam abertamente o sistema ptolomáico e concordam admiravelmente com esta outra posição e a confirmam... (GALILEI, 2009, p. 52).

Neste sentido, Galileu reforça que seus experimentos comprovam a teoria heliocêntrica e refutam a teoria de Ptolomeu, afirmando que o sol está no centro do universo e que a terra gira em torno deste.

Por isso também, Galileu enfatiza que os discursos proferidos contra ele se davam por meio de falta de inteligência de pessoas que fingiam amor à religião usando as sagradas escrituras como um escudo. Trechos estes, usados das palavras sagradas sem o mínimo de entendimento acerca de seu sentido, interpretado além do sentido literal.

Galileu também ressalta que estas pessoas propagam a ideia de tais proposições serem contrárias à Bíblia Sagrada e que, por este motivo, devem ser consideradas proposições de um herege. Por isso, menciona novamente as pregações que foram feitas do púlpito a seu respeito, contra a doutrina copernicana e conseqüentemente contra seus defensores, sobretudo, o próprio Galileu, principal sustentador de tal doutrina por meio de experimentos e demonstrações. Mas, enfatiza também a ideia de que seus acusadores fingem não saber que Nicolau Copérnico foi o inovador e confirmador de tal doutrina, atribuindo ao próprio Galilei as acusações pertinentes ao heliocentrismo.

Galileu discorre ainda acerca da sua submissão a autoridade da Igreja, enfatizando os escritos dos teóricos e os documentos dos concílios que são por ele respeitados e obedecidos. Enfatiza também, que está disposto a arcar com a responsabilidade da doutrina copernicana e seus possíveis erros, afirmando:

tenho a intenção não somente de submeter-me a remover livremente os erros nos quais, por minha ignorância, pudeste incorrer neste escrito em matéria referente a religião, mas também declaro não querer nestas mesmas matérias entrar em discussão com ninguém, ainda que se tratasse de pontos discutíveis ponto porque o meu propósito não tende a outra coisa senão a que se nestas considerações afastadas da minha profissão, entre os erros que puderem estar nelas contidos, se acha a... (GALILEI, 2009, p. 57).

Deste modo, ressalta a sua obediência à autoridade eclesial e enfatiza que o objetivo do seu trabalho é unicamente produzir frutos que sirvam para o bem da humanidade dentro dos preceitos e dogmas católicos, não querendo, em hipótese alguma ir contra as sagradas Escrituras, os santos teólogos e documentos da igreja.

Ainda a respeito daqueles que, incredulamente, negam a mobilidade da terra e a estabilidade do sol, Galilei ressalta que se apegam aos textos bíblicos já mencionados sem penetraram no seu verdadeiro sentido, com o argumento de que a Bíblia não pode mentir. Além disso, afirma que se o verdadeiro sentido não for penetrado a própria Bíblia poderia entrar em contradição várias vezes.

Galileu estava convencido de suas ideias e mais do que isso, das suas observações que evidenciavam a mobilidade da Terra e a estabilidade do sol. Por isso o motivo de tamanho engajamento para convencer de suas ideias e observações, mesmo sendo orientado a não se debruçar diretamente no campo teológico, sugerindo precaução nas interpretações de alguns textos bíblicos, mas que suas observações fossem dadas apenas como hipótese e assim o máximo que lhe ocorreria seria mera discordância.

Certamente, seria uma ideia tentadora, visto que poderia expor suas observações comprovando o sistema copernicano, sem, contudo, tomar a liderança deste “movimento”. No entanto, mesmo sabendo das possíveis consequências, sobretudo no que diz respeito à inquisição romana, abraçou como uma missão e dedicou-se ao aperfeiçoamento de suas observações e enfrentamento de contestações eclesásticas e universitárias.

Ainda, segundo Brollo, Galileu

Teria, então, se decidido a discutir estas questões depois de ter lido a longa carta do carmelita Paolo Antônio Foscarini, em que este defende as descobertas de Galileu e o sistema copernicano argumentando que as Escrituras poderiam ser interpretadas diferentemente. (BROLLO, 2006, p. 32).

Entretanto, apesar de receber apoio do carmelita Foscarini, que certamente o entusiasmou, dando, de sua parte, credibilidade ao sistema de Copérnico, o cardeal Belarmino foi incisivo:

querer afirmar que realmente o Sol está no centro do mundo e gira apenas sobre si mesmo sem correr do oriente ao ocidente e que a Terra está no 3º céu e gira com suma velocidade em volta do Sol, é coisa muito perigosa não só de irritar todos os filósofos e teólogos escolásticos, mas também de prejudicar a Santa Fé ao tornar falsas as Sagradas Escrituras. (BROLLO, 2006, p. 32.).

Desta forma, o cardeal enfatiza a postura da Igreja, reforçando que tais observações deveriam ser consideradas apenas como hipóteses. Assim, Brollo acrescenta ainda outra observação de Belarmino:

Sua segunda observação concerne ao decreto do Concílio de Trento proibindo declarações que contradigam o consenso dos Santos Padres. O caso da terra estar estacionária no centro do universo é um destes, pois todos os “comentários modernos”⁵⁷ e “todos os expositores gregos e latinos”⁵⁸ concordam que este é o sentido da Escritura. (BROLLO, 2006, p. 33.).

A mensagem do cardeal fica ainda mais clara, no sentido de advertir tanto Galileu, quanto Foscarini em relação à cautela que deve ser tomada com os escritos que defendem o copernicanismo. Brollo (2006, p. 39) também descreve uma última observação de Belarmino, na qual defende que haveria necessidade de uma nova interpretação da bíblia caso as observações apresentadas por Galileu fossem verdadeiramente comprovadas, ao que o próprio cardeal manifesta incredulidade.

Por este motivo era grande a empolgação e a convicção de Galileu em levar adiante os estudos de Copérnico e não tê-los apenas como suposição, conforme já lhe fora recomendado.

Usar os escritos dos Santos da Igreja, sobretudo os que ficaram conhecidos como “pais da igreja”, defendendo seus ideais, provavelmente tenha sido um dos motivos pelos quais Galileu teria aumentado ainda mais a confiança de que seria possível defender o sistema de Copérnico, adentrando no campo teológico e conseguir mostrar que a ciência não se opunha às Escrituras Sagradas. Com relação à interpretação da bíblia, Galileu chama atenção no sentido de que as Sagradas Escrituras, se levadas ao “pé da letra” poderiam levar a erros, por isso afirma que:

do que se segue que, toda vez que alguém, ao expô-la, quisesse a ter-se sempre ao som literal nu, poderia, errando este alguém, fazer parecer nas escrituras não só contradições e proposições afastadas da Verdade mas, graves heresias e mesmo blasfêmias. (GALILEI, 2009, p. 58).

Galilei enfatiza ainda, que as discussões relacionadas à natureza não deveriam ser confirmadas pela bíblia Mas a partir dos experimentos e posteriormente, os sábios teólogos, divinamente inspirados para interpretar a bíblia, mostrariam que a ciência não contradiz a bíblia, mas a confirma. Nesse sentido, retomando Santo Agostinho, ao falar que os autores do livro sagrado não tinham jamais a intenção de descrever

os movimentos celestes e seu funcionamento, mas unicamente repassar mensagem que dizem respeito à salvação das almas. Além disso, retoma também o seu ponto de vista acerca da Prudência que se deve ter em relação aos assuntos da natureza que não são de fácil entendimento e que precisam de experimentos para ser confirmados. Por isso cita Santo Agostinho:

Pergunta-se também ordinariamente que forma e que figura deve-se atribuir ao céu segundo nossas escrituras. Discute-se muito sobre essas coisas que nossos autores deixaram de lado por maior prudência, como não devendo ser de nenhuma utilidade para a salvação para aqueles que dela se ocupam e, o que é pior, como exigindo deles um tempo precioso que seria muito melhor empregado em pesquisas mais úteis. (GALILEI, 2009, p. 62-63).

Deste modo, é nítido o conhecimento acerca da doutrina da igreja e da vida dos Santos, sobretudo Santo Agostinho, o qual já discutia assuntos relacionados a natureza e ao funcionamento do universo, sempre com muita cautela por prudência de não incorrer a erros que futuros estudos pudessem refutar. E é exatamente o que Galileu queria que o povo, sobretudo os clérigos entendessem, antes de escrever sobre tais assuntos, sem experimentos, falando unicamente movido a seu próprio ego, muitas vezes com o objetivo de calar Galilei e aqueles que porventura se declarassem adeptos de sua doutrina e experimentos. Galileu além de demonstrar seu conhecimento acerca dos escritos de Santo Agostinho, um dos maiores intelectuais católicos da Idade média, mostra também que, os estudos para conhecer melhor o funcionamento do universo poderiam ser empreendidos por alguém que estivesse disposto a encará-los.

Novamente é notório que Galilei, embasando-se em um santo da Igreja católica, mostra que as descobertas científicas, por meio de experimentos, não são contrárias à verdade divinamente inspirada, mas que é necessário alguém que tenha capacidade para tal, enfrentar com firmeza, com o propósito de confirmar as escrituras sagradas, conforme a interpretação da igreja.

Galileu enfatiza ainda que, como as sagradas escrituras não podem nunca errar, as descobertas, por meio de estudos acerca do funcionamento do universo deveriam ser estudadas de forma mais aprofundada pela igreja, pelos teólogos ou outros estudiosos a fim de confirmá-las. Deste modo explica que duas verdades não podem ser contrárias e ainda cita Santo Agostinho e outros autores que falam neste mesmo sentido. Salienta ainda que é Ofício dos sábios expositores esforçar-se por

penetrar os verdadeiros sentidos das passagens da bíblia e a mesma não pode ser interpretada fora da revelação do Espírito Santo por meio dos teólogos da igreja.

Além disso, reforça que nem todos os intérpretes das sagradas escrituras falam por inspiração divina. Por isso a necessidade de que sábios estudiosos e iluminados pelo Espírito Santo se encarreguem desta missão. Ainda acerca desta separação, em que os teólogos devem zelar exclusivamente pela fé e a salvação das almas enquanto as descobertas acerca da natureza se deem a partir de estudos que não só cheguem a novas descobertas como também mostrem a relação com as sagradas escrituras, Galileu novamente cita Santo Agostinho:

deve ser tido por indubitável o seguinte: o que quer que os sábios deste mundo puderem verdadeiramente demonstrar acerca da natureza das coisas, mostremos que não é contrário as nossas escrituras; o que quer que eles ensinam nos seus livros contrário as sagradas escrituras, Sem nenhuma dúvida, criamos que se trata de algo completamente falso e, de qualquer maneira que pudermos, também o mostremos; guardemos assim a fé de Nosso Senhor, no qual estão escondidos todos os tesouros da sabedoria, de modo que nem sejamos seduzidos pela loquacidade de uma falsa filosofia nem sejamos atemorizados pela superstição de uma religião fingida (GALILEI, 2009, p. 74).

Galileu também reforça a ideia de que as conclusões naturais que sejam feitas por meio de demonstrações forem consideradas contrárias as sagradas escrituras, cabe, pois, aos sábios teólogos discernirem, e quem a deve explicar são aqueles que julgam tais proposições como falsas. Neste sentido, indiretamente, Galilei desafia aqueles que se mostram contrários ao sistema copernicano e suas descobertas, mostrarem o contrário, visto que, são eles que julgam falso, tal doutrina.

2.2 Julgamento condenação

Em 1610 Galileu publicou “Mensagem das estrelas”, em forma de panfleto, na qual continha suas observações astronômicas). Tais observações provocariam reações, pois seus escritos seriam

capazes de subverter a visão cosmológica estabelecida desde a Antiguidade, consolidada culturalmente pela teologia cristã e pelo ensinamento universitário oficial. A divulgação assegurava obviamente a prioridade do autor nas observações astronômicas telescópicas; o que estava longe de ser pouco, pois o *Sidereus Nuncius* apresentava, pela primeira vez, evidência observacional em

favor da plausibilidade do sistema copernicano e de um universo bastante mais vasto do que supunha a visão cosmológica tradicional. (MARICONDA, 2000, p. 81).

As observações de Galileu rebatiam crenças tradicionais acerca do funcionamento do universo, dentre elas está a perfeição e imutabilidade dos céus, pois seus escritos evidenciavam que

A Lua, observando-a com o telescópio, mostrou-se com superfície coberta de buracos e crateras, vales e montanhas. As observações telescópicas do Sol também mostravam imperfeições: manchas negras que apareciam e desapareciam na sua superfície; a existência dessas manchas estava em conflito com a perfeição da região celeste; o seu aparecimento e desaparecimento estava em conflito com a imutabilidade dos céus e dos corpos celestes; o movimento dos pontos no disco do Sol indicavam que o Sol girava continuamente sobre o seu eixo. (BROLLO, 2006, p. 14).

Mesmo sabendo das reações contrárias que poderia receber Galileu não hesitou no enfrentamento das ideias contrárias. A partir de então os desgastes entre Galileu e alguns membros do clero se intensificaram, pois até então os conhecimentos que se tinha acerca do funcionamento do universo era incontestável, já que a igreja imperava nestas questões, garantindo-lhe a verdade divinamente revelada.

Mariconda observa que a ousadia de Galileu, com a tentativa de convencer de suas descobertas, era tão grande que

Para os tradicionalistas e conservadores era inaceitável a consequência que Galileu pretendia extrair do conjunto de observações telescópicas que vinha fazendo e que alardeava, de própria voz ou pela de seus discípulos e admiradores, afirmando a superioridade do sistema copernicano e a realidade do movimento da Terra. (MARICONDA, 2000, p. 82).

De fato, as observações de Galileu se opunham de forma veemente ao conhecimento científico da época, o que provocava um choque com a igreja e por consequência com os renomados filósofos e teólogos.

Em meio às trocas de cartas, acusação por parte de alguns clérigos e as respostas de Galileu às acusações, as proposições copernicanas da centralidade do Sol e da mobilidade da Terra foram censuradas pela Igreja no dia 24 de fevereiro de 1616. (MARICONDA, 2000, p. 126-127). Tais proposições foram consideradas, além de absurdas, heréticas por contrariarem a Bíblia em diversos livros, como já

mencionado. E o apelo de Galileu sobre uma interpretação, além do som literal, em algumas passagens da Escritura, fosse rejeitado pelo fato de ir contra a interpretação dos Santos padres e doutores de Teologia. Mariconda (2000, p. 127-128) destaca ainda, que:

No dia seguinte, o papa Paulo V expede, por meio do cardeal Millini, uma notificação ao Santo Ofício, ordenando, “após relatada a censura dos Padres Teólogos sobre as proposições do matemático Galilei”, que o cardeal Bellarmino admoestasse Galileu a abandonar a opinião copernicana e “se recusasse a obedecer, o Padre Comissário, na presença do escrivão e testemunhas, faça-lhe a intimação para abster-se absolutamente de ensinar e defender semelhante doutrina e opinião, ou dela tratar; se pois não quiser obedecer, seja encarcerado”. (MARICONDA, 2000, p. 127-128).

No dia 26 de fevereiro de 1616, Galileu apresentou-se na residência do Cardeal Bellarmino para receber, conforme determinado pelo santo padre, o então papa Paulo V a devida admoestação verbal, por meio da qual devia abdicar das teorias copernicanas. Na cópia de intimação, possivelmente posterior e por isso considerada forjada, dizia

que Galileu “abandone absolutamente a referida opinião, que o Sol é o centro do mundo imóvel e que a Terra se move, nem ouse daí em diante sustentá-la, ensiná-la ou defendê-la *quovis modo* (de modo algum), por palavras ou escritos; caso contrário, seria processado pelo Santo Ofício”. (MARICONDA, 2000, p. 128).

O autor refere-se à intimação do Santo Ofício como uma supostamente *apócrifa*, pois, havia evidências de que o próprio cardeal Bellarmino não soubesse de sua existência e indícios de que ela passou a existir somente depois da admoestação.

Dentre outras coisas, Mariconda, citando Pagani e Luciani, ressalta que além da falta de assinatura na “possível” intimação por parte do cardeal Bellarmino, que na admoestação recebida verbalmente, Galileu não abjurou nada, apenas foi comunicado, pelo cardeal, que as proposições copernicanas da mobilidade da Terra e da mobilidade do sol de oriente para ocidente e de que este está no centro do mundo eram contrários às escrituras. (MARICONDA, 2000, p. 129).

Por outro lado, a admoestação recebida por Galileu em 1616, pode ter provocado um impacto negativo para Galileu, que de certa forma, precisaria agir com mais cautela, pois, embora já soubesse da posição da Igreja diante das teorias copernicanas, agora tinha sido convocado oficialmente pela Igreja. No entanto, observa-se que mesmo tendo sido admoestado, Galilei continuou sua produção

intelectual, fato que se opõe ao possível recebimento da intimação, na qual o mesmo deveria abster-se destes estudos e de sua pregação.

Em 1632, Galileu publicou *Diálogo sobre os Dois Máximos Sistemas do Mundo Ptolomaico e Copernicano*. Conforme Mariconda (2000, p. 138)

O *Diálogo* é uma obra cujo plano é simples. Com efeito, ele está composto por quatro partes, quatro jornadas, que tratam respectivamente da destruição do cosmo aristotélico, das objeções mecânicas ao movimento de rotação da Terra, das objeções astronômicas ao movimento de translação da Terra e da teoria das marés. Entretanto, por trás dessa estrutura simples, esconde-se uma elaboração complexa, porque, como já apontamos, o *Diálogo* resulta da composição de diversos materiais refundidos em maior ou menor grau e reescritos, na grande maioria dos casos, na forma dialógica (MARICONDA, 2000, p. 138)

Vale ressaltar que foram inúmeras as dificuldades que foram impostas a Galileu para a publicação, “desde dificuldades com o título e conteúdo da obra até com o tipo de abordagem utilizado, isto é, com relação à forma”. Inclusive, Mariconda destaca que “nem o Prefácio que acompanha a obra, nem o argumento final são de autoria de Galileu, tendo sido impostos pela censura prévia” (MARICONDA, 2000, p. 138).

O *Diálogo* teve apenas cinco meses de circulação, foi publicado em Março de 1632 e em agosto do mesmo ano o livro foi proibido e Galileu foi advertido a não defender as ideias contidas na sua obra. No mês seguinte Galileu foi intimado a comparecer em Roma, diante do comissário do Santo Ofício. No dia 15 de janeiro de 1633, Galileu teve que comparecer diante do tribunal.

Tendo iniciado o processo contra Galileu, no dia 12 de abril de 1633 é submetido a um interrogatório do qual saiu como prisioneiro do Santo Ofício. A seguir, destacamos os principais acontecimentos posteriores à prisão:

cinco dias depois é pronunciada sua contravenção à admoestação e ao decreto da Congregação do Índice de 1616, sendo acusado de aderir no *Diálogo* à opinião copernicana. Em 30 de abril, é submetido pelo tribunal a um exame de intenção; e, em 10 de maio, comparecendo pela terceira vez perante o tribunal é intimado a preparar sua defesa. Finalmente, em 21 de junho, é submetido a um último exame de intenção sob ameaça, primeiro de *remedia juris et facti oportuna* (remédio jurídico apropriado aos fatos), e depois de tortura. (MARICONDA, 2000, p. 142).

Deste modo, estava proibido, definitivamente, o sistema copernicano. Galileu foi condenado à prisão pelo Santo Ofício, em grande parte, pela contribuição da carta

forjada, que compromete Galileu no sentido de já ter sido obrigado a se comprometer em não pregar as teorias copernicanas. No entanto, vale lembrar que nem o papa da condenação em 1633 era o mesmo e nem o cardeal Bellarmino estava vivo para confirmá-la.

De modo geral, Galileu tentou, por meio de suas cartas, mostrar que as Sagradas escrituras não estavam em desacordo com a ciência. Muito tempo foi dedicado neste sentido, tanto escrevendo, como também respondendo cartas, explicando as teorias copernicanas. Obviamente, muitas pessoas foram convencidas. Muitos se dispuseram a tentar compreender e, de fato, perceberam que as evidências eram tão grandes que passaram a seguir.

No entanto, o espírito contra reformista atacou veementemente Galileu nesta empreitada. Deste modo, nas cartas de Galileu, observamos que muitos clérigos se vestiam de defensores das Sagradas Escrituras e posicionam-se com todo zelo ou orgulho para refutar o que pregava Copérnico e isso, na pele de Galileu. Por outro lado, mesmo com suas respostas embasadas inclusive nos escritos de grandes Santos da Igreja, como Santo Agostinho, suas considerações não foram muito longe, pois Galileu deixava clara a sua ideia de que precisaria um novo olhar na interpretação de alguns textos bíblicos dos quais o copernicanismo contradizia.

Galileu foi condenado e obrigado a renegar aquilo pelo qual tanto trabalhou. No entanto, sua coragem e dedicação deixaram à humanidade uma herança que abriu um leque de possibilidades para estudos posteriores. A inquisição calou por um momento a voz de Galileu, mas ela ecoa ainda hoje, por meio de seus escritos, possibilitando grandes descobertas para o universo da ciência.

Portanto, as cartas de Galileu tentam convencer as autoridades políticas e eclesiais sobre conciliação do copernicanismo e a Bíblia. No entanto, o contexto histórico em que vivia, não permitiu que suas ideias fossem, pelo menos, estudadas pela igreja, pelo contrário, logo ganhou notada rejeição por parte de alguns religiosos e que logo a difundiram. De um lado, Galileu mostrou que em muitos trechos da bíblia é necessário ler além do sentido literal das palavras para que a própria imagem de Deus não entrasse em contradição. Por outro lado, a ousadia de enfrentar todo um conhecimento sistematizado que era defendido pela igreja e que o próprio Galileu sabia dos riscos de tentar mostrar o contrário, sem desmerecer a fé da igreja.

3. CIÊNCIA E RELIGIÃO NA PRÁTICA MISSIONÁRIA DE FREI ALBERTO BERETTA EM GRAJAÚ MARANHÃO.

A igreja Católica no estado do Maranhão contava apenas com a diocese de São Luís até o início de 1922. Isso levou o então bispo diocesano, Dom Helvécio Gomes de Oliveira a pensar na criação de uma prelazia, cujo objetivo era assistir a população em suas necessidades espirituais e sociais, tendo em vista as enormes extensões territoriais que impediam uma assistência regular às comunidades. Por isso, dom Helvécio fez à Nunciatura Apostólica o pedido da criação de uma prelazia

No portal oficial da diocese de Grajaú, na internet, é contada um pouco da história da diocese, bem como os primeiros trabalhos de evangelização deste território. Uma referência a dom Helvécio na página da diocese na internet³, afirma que “Esse bispo era um homem de grande visão e sincero admirador dos serviços dos padres Capuchinhos lombardos”⁴

Após o pedido aceito na Nunciatura Apostólica, o então papa Bento XV cria em 1922 a prelazia de Grajaú, com nome Prelazia de São Jose de Grajaú. A partir da demarcação, a prelazia contava com um terço do território do estado do Maranhão e um grande trabalho missionário, tendo em vista as dificuldades de locomoção, mantimentos, precariedade de acesso...

Assim, a prelazia estava sob os cuidados dos frades menores capuchinhos, que com o mesmo ardor missionário do pai seráfico se colocaram a serviço do Reino de Deus, plantando as “sementes da fé”. Antes, porém da criação da prelazia capuchinhos lombardos já estavam em missão no interior maranhense, conforme relata a historiadora Maria do Socorro Coelho Cabral:

Em 1893, os capuchinhos lombardos iniciaram trabalho missionário em Barra do Corda, junto aos fiéis e junto aos índios Guajajaras e Canela, situados nas proximidades da vila. Visando à catequese dos índios, fundaram, em 1895, o Instituto São Francisco de Assis, em Barra do Corda, um internato para meninos índios de até 14 anos. (CABRAL, 1992, p. 208).

Este relato deixa claro a atuação dos frades tanto na evangelização, por meio da catequese, como no processo de educação, sobretudo com um olhar voltado aos

³ www.diocesegraju.org.br

⁴ <https://diocesegraju.org.br/diocese/um-pouco-de-historia-da-diocese-de-grajau/>

povos indígenas. Por isso, mesmo em meio às precariedades da época, os frades conseguiram organizar estes trabalhos com a população.

No entanto, apesar da ideia de oferecer oportunidades de estudos e uma possível profissionalização nas “artes de alfaiate, sapateiro, ferreiro, carpinteiro e músico” (CABRAL, 1992, p. 208) ofertados aos indígenas, os missionários tiravam as crianças indígenas do convívio de suas famílias e isso gerou uma tragédia que ficou conhecida como “massacre do Alto Alegre”⁵, provocado pela revolta dos indígenas por suas crianças que eram tiradas de suas famílias.

Essa insatisfação culminou com o Massacre de Alto Alegre no dia 13 de março de 1901, quando os índios invadiram o povoado e mataram toda a população, incluindo os frades e as Freiras, num total de aproximadamente 200 pessoas. (CABRAL, 1992, p. 209).

Os indígenas se revoltaram contra os religiosos, pois suas crianças tinham que seguir uma rotina rígida e perdiam a formação cultural de seu povo. Aliás, a visão que se tinha dos povos indígenas é que eram selvagens e que as crianças precisavam ser civilizadas: “As crianças eram tiradas das aldeias em tenra idade e, no internato, eram submetidas a disciplinas e tratamento rígidos, procurando afastá-las definitivamente de seus costumes tradicionais” (CABRAL, 1992, p. 208). O trabalho dos religiosos teve uma pausa junto aos indígenas e posteriormente foi retomado gradativamente e nesse período a igreja Católica teve uma expansão no interior maranhense.

Frei Alberto, porém, chega ao território da diocese de Grajaú em 02 de agosto de 1949. E inicia sua missão junto ao povo de Deus na prelazia. Antes mesmo de chegar em Grajaú, já vinha realizando consultas no território da prelazia, começando por Barra do Corda. Isso já seria um presságio da correria de sua missão no Brasil.

No período da chegada de Frei Alberto ao Brasil os países europeus ainda estavam se reerguendo no contexto pós-guerra e grandes acontecimentos marcaram o mundo. Além disso, a década que sucedeu foi um período de grandes avanços econômicos e tecnológicos, sobretudo no que diz respeito aos meios de comunicação. Trintin e Rossoni (1999, p. 49) definem as décadas de 1950 e 1960 como anos dourados, justamente pelo crescimento econômico capitalista com taxas recordes a nível mundial.

⁵ O termo massacre é mais utilizado na literatura religiosa, enquanto entre os indígenas é utilizado o termo “tempo de Alto Alegre”. Outros autores ainda, falam em conflito, revolta...

3.1 A vida do “santo de Grajaú”

Frei Alberto nasceu em Milão – Itália em 28 de agosto de 1916. Filho de leigos católicos, membros da Ordem Terceira Franciscana⁶, foi batizado com o nome de Enrico Beretta. Foi o sétimo filho dos treze do casal Alberto Beretta e Maria de Micheli.

Teve uma infância recheada de bons exemplos cristãos vividos pelos pais, que serviram de alicerce para o amadurecimento de sua vocação. Participavam diariamente da celebração da Eucaristia, rezavam o terço em família e faziam caridade aos pobres. Desta forma, a educação fervorosa na fé fez com que Enrico tivesse uma juventude um pouco tímida, assim como seu pai, era de poucas palavras. Mas sempre voltado para a vivência sincera da fé católica. (CRISTOFOLINI, 2011, p. 29-30).

Durante a juventude coordenou grupos de jovens na paróquia em que frequentava, procurando levar os jovens a se aproximar sempre mais de Jesus Cristo. Dentre as ações idealizadas pelos grupos era comum a realização de retiros e gestos concretos de caridade aos mais necessitados.

A partir dos treze anos de idade, passou a ter mais contato com os frades capuchinhos, acompanhando seus pais na igreja de Monforte em Milão e posteriormente mantendo mais contato com os frades do convento de Lovere, onde fazia retiros espirituais com os jovens aos quais acompanhava em sua paróquia. E num destes encontros Enrico ouve o testemunho de um frade, missionário que atuava em Barra do Corda – Maranhão, O jovem fica comovido com os relatos de como era a situação de pobreza nas terras maranhenses.

Enrico era um jovem muito dedicado aos estudos, conseguindo sempre boas notas e admiração de todos ao seu redor. “Era o mais alegre e brincalhão da família” (PELUCCHI, 2020, p. 8). Aliás, era um desejo do casal Alberto e Maria De Micheli que todos os filhos conquistassem a formação superior. Por isso, havia sempre um ambiente propício que incentivava os estudos.

⁶Leigos, casados ou não que vivendo em suas famílias, seguem o ideal de São Francisco de Assis, procurando viver o Evangelho, espelhados na vida do Santo de Assis. A OFS é reconhecida pela Igreja Católica, acolhida, aceita e abençoada pela Igreja em todas as partes do mundo. Ela faz parte da grande Família Franciscana e contribui para a plenitude de seu carisma.

A união entre os irmãos sempre foi muito forte. Desta forma, ao passo em que os irmãos mais velhos iam se formando e conseguindo trabalho, ajudava os mais novos, custeando seus estudos. (CRISTOFOLINI, 2011, p. 27).

Enrico conseguiu o doutorado em medicina por volta dos vinte e seis anos de idade, em 1942, apresentando sua tese láurea no mês de fevereiro na Universidade de Milão e em março recebeu o título de doutor. Certamente foi um ano de enorme alegria para a família Beretta. No entanto, neste mesmo ano morrem os pais do futuro sacerdote, a mãe, no mês de abril e o pai, no mês de setembro. (CRISTOFOLINI, 2011, p. 40).

Com a morte do pai, Enrico mostra-se decidido a se tornar religioso, manifestando o desejo de trabalhar como médico e missionário em Grajaú, sede da prelazia, criada em 10 de fevereiro de 1922 pelo Papa Pio XI, desmembrada da Arquidiocese de São Luís do Maranhão, entregue à Santa Sé aos cuidados dos Frades Menores Capuchinhos. Ressalta-se aqui que esta igreja particular foi elevada a diocese em quatro de agosto de 1981, pelo Papa João Paulo II.

Vale ressaltar que o desejo do jovem Enrico em se tornar sacerdote e atuar como médico e missionário em Grajaú, não surgiu por um acaso, mas é fruto dos relatos de missionários que passaram pela região e contavam das grandes dificuldades encontradas pela população, sobretudo no que diz respeito à precariedade ou até mesmo a ausência de serviço de saúde.

Dentre os testemunhos de fé recebidos nos encontros com os frades capuchinhos, um dos que mais tocaram o jovem Enrico foi de Frei Adriano que falava das dificuldades da missão e do massacre de Alto Alegre, no qual morreram cerca de duzentas pessoas entre sacerdotes, Freiras e internos (CABRAL, 1992, p. 209).

Ao ouvir os relatos de Frei Adriano sobre a missão dos frades no Maranhão, Cristofolini destaca que o jovem

Alberto ficou fascinado pelo entusiasmo do missionário. Fez-lhe muitas perguntas e comoveu-se pela saúde precária daquele povo. O jovem que já sonhava ser médico, agora já se imaginava no Brasil, na distante Barra do Corda, curando leprosos, pobres, doentes de toda sorte, destinados a morrer por não terem ninguém que soubesse curá-los e sem hospital... (CRISTOFOLINI, 2011, p. 36).

Já formado e trabalhando como médico e cirurgião, aos vinte e nove anos iniciou os estudos de teologia, sendo os dois primeiros anos na Universidade Católica

de Friburgo, na Suíça, para onde o jovem médico refugiou-se, na tentativa de fugir dos rastreamentos fascistas e não correr o risco de ser mandado para algum campo de trabalho forçado, pois o mundo acabara de entrar na segunda guerra mundial e a Itália estava vivendo sob a ditadura fascista (CRISTOFOLINI, 2011, p. 41).

Em 1945, no dia posterior à queda da ditadura fascista, Enrico volta à Itália e conclui os últimos anos do curso de teologia na casa de formação dos estudantes de teologia dos frades capuchinhos de Piazzale Velasquez, sempre participando de cursos de especialização em diversas áreas da medicina, era incansável e insaciável de conhecimentos.

Com o término da graduação em Teologia fez contato com o bispo da então prelazia de São José de Grajaú, onde desejava atuar como médico e missionário. O então bispo prelado Dom Emiliano Lonati aceitou incardinar Enrico na sua prelazia.

Ora, numa região pobre, com longas distâncias a serem percorridas por poucos sacerdotes, a chegada de um novo padre seria de suma importância para fortalecer a missão da igreja, ainda mais sendo um padre jovem e médico. Quanta coisa boa este missionário poderia fazer por este povo tão sofrido.

Alegre com o advento do novo sacerdote médico, o bispo de Grajaú delegou o arcebispo de Milão, o cardeal Alfredo Ildefonso Schuster para que fizesse a ordenação sacerdotal do jovem Enrico. A mesma aconteceu no dia 13 de março de 1948 (PELUCCHI, 2020, p. 79).

Padre Enrico celebrou sua primeira missa no dia 19 de março de 1948, festa de São José, em Magenta. Após a ordenação o jovem padre permaneceu na Itália fazendo outras especializações, ganhou diversos aparelhos para o seu serviço e construiu amizades com diversas pessoas, que posteriormente tornaram-se benfeitores da missão em Grajaú.

Cerca de um ano depois da ordenação, em doze de março de 1949 partiu para o Brasil, de barco, acompanhado do bispo da prelazia de Grajaú Dom Emiliano Lonati. Assim, chegaram ao Brasil no dia 6 de abril, no Rio de Janeiro, onde permaneceram alguns meses na então capital do Brasil, resolvendo problemas burocráticos para a atuação do médico italiano em terras brasileiras.

Finalmente, chegaram em Grajaú no dia dois de agosto do mesmo ano, onde foram recebidos com festa. Fogos de artifício e as badaladas dos sinos da catedral de Grajaú sinalizavam a alegria do povo grajauense e da igreja local em receber o

novo sacerdote e médico que veio atuar onde não havia oferta de serviços médicos e onde havia carência de padres para acompanhar os povoados, celebrando a eucaristia e dispensando os demais sacramentos da igreja. Acerca da chegada em Grajaú, Cristofolini descreve:

Numa fatigante viagem de 700 km pela estrada de terra, cheia de buracos de variados tamanhos, após dez dias de solavancos, em 2 de agosto, chegam a Grajaú. A acolhida foi muito festiva, com toques de sinos e muito foguetório. Na chegada, o Frei se encanta ao constatar como esse povo quer bem a seu bispo. E se impressiona também ao ver como todos fazem festa ao padre doutor, tão aguardado... (CRISTOFOLINI, 2011, p. 45).

O jovem padre chega e já mergulha na missão. Começam os atendimentos médicos, as celebrações eucarísticas, os sacramentos. Não demorou muito para a inauguração do ambulatório. Logo, começou a chegar gente de várias localidades em busca de atendimento e Grajaú tornava-se a partir daí referência em atendimento médico e aos poucos a fama do missionário médico italiano aumentava.

No dia da inauguração do ambulatório, o missionário, diante de autoridades e do povo reunido, o jovem sacerdote destacou a importância do ambulatório:

Que todos os que vierem aqui se lembrem de que o verdadeiro médico não sou eu, mas nosso Senhor que vive, vocês sabem, ao lado, na Catedral. Portanto, deixe-os aproveitar sua presença na Catedral para recorrer a Ele. Seus remédios são úteis não apenas para o corpo, mas também para a alma e, portanto, são mais preciosos que os meus. (CAVASSINI; BERETTA, 2018, p. 48, tradução nossa).

Deste modo, o médico missionário apontava aos fiéis para além de buscarem os serviços de saúde no ambulatório buscassem ao próprio Jesus, na confiança de que ficariam curados pelo próprio Jesus e que seus remédios serviriam para o alívio do corpo, mas que precisavam buscar a cura da alma.

O missionário não se acomoda em atender somente no ambulatório. Os casos em que os pacientes tinham dificuldade de locomoção por diversos motivos, lá ia o médico, realizar atendimentos em domicílio e na maioria das vezes já deixava o remédio.

O ambulatório estava sempre cheio e o pensamento do missionário era a construção do hospital. Para que isso se concretizasse conta com a ajuda do seu irmão, o engenheiro Francisco, que esboça o projeto, levando em conta as

dificuldades de acesso à água, falta de energia elétrica, dentre outros problemas que deveriam ser enfrentados com uma construção muito difícil para a época.

Em 1950 chega o irmão de padre Enrico, o engenheiro Francisco, que veio para o grande projeto da construção do hospital. E começam a obra. No entanto, os serviços do padre são muitos e ele tem que atender aos doentes, celebrar missas, ensinar o catecismo, trabalhar na construção do hospital. Por isso, seu irmão Francisco fica preocupado e compra uma mula para que ele pudesse viajar e assim evitar um pouco mais os desgastes das viagens que até então eram realizadas a pé. (CRISTOFOLINI, 2011, p. 52).

Francisco continuou acompanhando o irmão nos trabalhos e vivendo um pouco do sacrifício dele, viu que o jovem missionário estava se desgastando demais, pois eram muitos os deslocamentos e sempre muito distantes, resolveu fazer uma “vaquinha” para comprar um jipe. O médico logo decide que quer um de carroceria fechada para carregar os pacientes.

Tudo estava indo bem, mas o médico missionário estava trabalhando como clandestino no Brasil, pois teria que cursar algumas disciplinas de medicina no Brasil para poder revalidar seu diploma, pois o governo brasileiro exigira a aprovação destas disciplinas no Brasil, conforme relata em carta ao professor Canova, sua irmã Gianna Beretta:

O padre Alberto iniciou em Grajaú, com a ajuda do Estado, a construção de um hospital. Mas, presentemente, encontra-se no Rio Grande do Sul para homologar a sua licenciatura e teve de fazer exames do quarto, quinto e sexto anos de Medicina. Este mês terminará tudo e regressará ao interior. (PELUCCHI, 2020, p. 86).

Gianna, preocupada com o andamento da missão de seu irmão junto aos doentes de Grajaú, sobretudo à especialidade da obstetrícia, escreve tentando conseguir algum outro médico que o ajudasse.

Acerca do período que deveria passar estudando no Rio Grande do Sul, podemos imaginar, quanta tristeza invadiu o coração do missionário em ter que deixar seus pacientes e partir para estudar no sul do país. No entanto, com muita humildade, uma das características peculiares do missionário, parte para o Rio de Janeiro, volta, pois à universidade para refazer os estudos nos quais já havia sido aprovado com notas brilhantes na Itália. Chegando ao Rio de Janeiro é aconselhado e realizar os estudos na Universidade Católica de Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

Logo no primeiro ano no Rio Grande do Sul, foi chamado um pouco às pressas ao Rio de Janeiro, é que seu irmão, o engenheiro Francisco que estava no Rio para também revalidar seu diploma de engenheiro, fizera amizade com o ajudante do médico russo Filatov⁷. Assim, o engenheiro relatou as condições de trabalho de seu irmão na pobreza no interior do estado do Maranhão. Comovido com a missão, o ajudante do médico russo decide ensinar algo que seria muito útil na missão: o uso de células tronco. Por isso o médico missionário parte do Rio Grande do Sul para o Rio de Janeiro e fica uma semana aprendendo o uso da técnica.

Frei Alberto estava no primeiro ano de Porto Alegre. Chegou ao Rio e, que beleza!, empolgou-se com o que soube: o aluno de Filatov havia aprendido de seu grande mestre o modo de utilizar as enormes prerrogativas da placenta humana, conseguindo esterilizá-la com um método particular, para, em seguida, inseri-la na medida certa em minúsculas porções sob a pele do paciente, onde vinha absorvida em poucos dias, obtendo vistosos efeitos de cura de muitíssimas doenças. (CRISTOFOLINI, 2011, p. 57).

Certamente Frei Alberto ficou muito agradecido pela bondade daquele homem que o ensinou este método que o ajudou a curar muitas pessoas. Por isso, pedia sempre a todas as pessoas em que usava o tratamento que rezasse por ele, em forma de agradecimento.

Terminados os estudos no rio Grande do Sul, o médico missionário retorna a Grajaú em 1956. Retoma com todas as forças o seu trabalho e conclui a construção do hospital em 1957 e com um tempo foi ampliando-o.

A vivência do ideal franciscano pelos pais de Enrico na Ordem Franciscana Secular contribuiu para que ele buscasse viver mais de perto os ensinamentos do evangelho seguindo os passos de São Francisco de Assis. Ora, o jovem Enrico queria atuar na missão de Grajaú não só como médico, ele queria tornar-se capuchinho, conforme relatara no dia do velório do pai.

Ingressou em 1960, na primeira ordem Franciscana⁸, fazendo o noviciado em Guaramiranga, Ceará. Fez sua profissão religiosa temporária em 1961, onde adotou o onomástico em homenagem a seu pai. Por isso, a partir daí, o padre Enrico passou

⁷ Madre Virgínia descreve como: “um grande médico ucraniano que foi o primeiro a descobrir as propriedades da placenta, especialmente do primogênito, e aperfeiçoou um sistema para usá-la no tratamento de muitas doenças” (CAVASSINI; BERETTA, 2018, p. 61, tradução nossa).

⁸Compreende os religiosos irmãos e clérigos com votos: formam a “Ordem dos Frades Menores” (O.F.M.)

a ter o nome oficial de Frei Alberto. Sua consagração definitiva ao ideal franciscano-capuchinho ocorreu em Grajaú - Maranhão no dia 16 de agosto de 1964.

Durante a correria entre estudos, missas, catequese, noviciado... Frei Alberto sempre procurava médicos que pudessem ajudá-lo em Grajaú, mas não foi nada fácil. Sua irmã, também médica, Gianna Beretta, estava decidida a ajudá-lo em Grajaú, mas por motivos de saúde não conseguiu (PELUCCHI, 2020, p. 90). Esta foi proclamada santa pela Igreja Católica em 24 de abril de 1994, pelo então papa João Paulo II.

Frei Alberto, mesmo na correria, era incansável na busca de atualização no campo da medicina. Por isso, recebeu na Itália (representado por seus familiares) da fundação Carlo Erba, em 1967, o prêmio “A missão do médico”, no qual o presidente da fundação elogiava a atuação do médico, por sempre se manter atualizado nos avanços da ciência, procurando participar de todas as especializações possíveis e cursos de atualização. Esse acontecimento foi publicado em vários jornais italianos. Em 1978 Frei Alberto também recebe a medalha de ouro pelos altos méritos humanitários na profissão médica (CRISTOFOLINI, 2011, p. 72).

Outra obra muito importante de Frei Alberto foi a construção da Vila San Marino, um abrigo para as pessoas com hanseníase, que viviam geralmente em choupanas, afastadas da cidade por causa da doença. Esse afastamento social se dava para evitar o contágio pela hanseníase, popularmente chamada lepra.

Essa prática era bastante comum desde a antiguidade. Alguns relatos bíblicos apresentam tal população isolada do convívio social, sendo tal doença considerada um castigo divino (Levítico 13:2-3); (Levítico 14:34); (Deuteronômio 24:8); Números 12:10-15; Levítico 14:54-57; (Levítico 14:43-45); Números 5:1-4; 2Reis 5:7; 2Crônicas 26:20).

Já nos evangelhos, Jesus demonstra compaixão pelos leprosos, chega perto, toca e cura. (Mateus 8:2-3; Marcos 1:40-42). No entanto, o preconceito foi inevitável, sobretudo porque não havia medicamentos para a cura. Neste sentido, Frei Alberto logo lança um olhar piedoso sobre estes irmãos e passa a acompanhar periodicamente o local onde eles se abrigavam.

Movido pelo ideal de São Francisco de Assis⁹ - que deixou tudo o que possuía para viver os ensinamentos do evangelho, a princípio em meio aos pobres, sobretudo, os leprosos na cidade de Assis – Frei Alberto se encontra diante de um grupo de

⁹ https://www.ebiografia.com/sao_francisco_de_assis/

peessoas à margem da sociedade. Certamente recordou o pai seráfico que dedicava seus cuidados, procurava alimentos, oferecendo um pouco de alívio para o corpo e conforto para a alma de um povo marcado pelo abandono e discriminação.

Eis, pois, diante dos olhos de Frei Alberto, os prediletos de São Francisco de Assis. Logo começou a assisti-los na caridade fraterna, celebrava a missa com eles, levando palavras de conforto e alimentos. Ali, certamente o médico missionário se realizava, pois alimentara, desde cedo o desejo de tornar-se franciscano e a exemplo de São Francisco experimentar o sofrimento destes irmãos, mas sobretudo levar-lhes conforto para suas almas, já tão abatidas.

Frei Alberto se desdobrava entre o atendimento no hospital ao qual deu o nome daquele que depois de Jesus, inspirou sua vocação: São Francisco de Assis; assistência aos doentes da vila San Marino; atendimentos nas casas de doentes que não conseguiam chegar ao hospital, desobriga pelo sertão, onde também realizava atendimentos médicos, celebrava a missa; ensinava o catecismo e testemunhava a alegria de viver o evangelho com simplicidade (CRISTOFOLINI, 2011, p. 87).

O trabalho de Frei Alberto não podia ser discreto, pois envolvia muita gente: os benfeitores da cidade, os da Itália e de diversos lugares onde o trabalho do médico missionário ficava conhecido. Ora, mas quando o assunto era a pessoa do próprio Frei Alberto, este desviava rapidamente, não queria saber de honrarias, homenagens ou algo similar, pois se reconhecia como um simples instrumento nas mãos de Deus e afastava-se dos holofotes (CRISTOFOLINI, 2011, p. 82).

A regra dos capuchinhos prevê férias após um determinado tempo. Desta forma, quando se completava o tempo de férias do Frei, este regressava à família, na Itália, onde participava de especializações e atualizações no campo da medicina, procurava levantar recursos para o aparelhamento do hospital e demais ajudas para os serviços de caridade. Por onde chegava falando da missão de Grajaú, todos ficavam encantados e procuravam ajudar de alguma forma. Até na Suíça Frei Alberto foi convidado a dar uma palestra sobre a missão e ele, consciente de que conseguiria mais ajuda para as obras aceitou e conseguiu muitos benfeitores por lá.

Depois de, em plena consciência, decidir entregar o hospital aos cuidados dos Camilianos, pois sabia que não teria mais condições físicas para tomar conta de tanto trabalho sozinho, Frei Alberto continua a missão com muita intensidade. Depois de 30 anos de intenso trabalho, sentiu que precisava contar com alguém para dar

continuidade à obra. E realmente não demorou muito para se ausentar fisicamente para sempre do seu hospital e do povo de Grajaú.

Em dezembro de 1981, depois de uma intensa dor de cabeça, Frei Alberto foi acometido por uma hemorragia cerebral.

Este, de manhã, bate à porta, e Frei Alberto não responde. Abre a porta e vê que nosso herói não fala mais, não consegue mais mexer a mão direita, nem consegue calçar as sandálias. Corre avisar o bispo e este manda chamar os médicos do hospital que diagnosticaram grande hemorragia e que era necessária uma recuperação urgente, com o controle permanente de todas as atividades cardíacas, coisa que só poderia ser feita no hospital de São Luís, Chamaram um táxi aéreo. (CRISTOFOLINI, 2011, p. 145).

O excesso de cansaço foi o diagnóstico do AVC. Após alguns dias em São Luís, Frei Alberto foi levado para a Itália, onde viveu ainda cerca de vinte anos. Apesar de todos os cuidados e procedimentos médicos Frei Alberto não se recuperou totalmente.

Recebia e escrevia cartas para o povo de Grajaú, sempre demonstrando afeto pelo povo, especialmente aos que viviam sozinhos e na pobreza. Assim, animava com palavras de esperança o coração dos grajauenses.

Frei Alberto Beretta faleceu na Itália no dia 10 de agosto de 2001. A cidade de Grajaú estava de luto. Numerosa multidão de fiéis se reuniu na catedral de Grajaú e rezou junto ao então bispo diocesano Dom Franco Cuter. (CRISTOFOLINI, 2011, p. 172). Acerca do período em que frei Alberto ficou doente com sua família na Itália, Cavassini e Beretta reportam-se como uma “longa noite de sofrimentos que durou 20 anos” (CAVASSINI; BERETTA, 2018, p. 9, tradução nossa).

No dia 08 de junho de 2008 a igreja Católica instalou em Bérgamo, na Itália, um tribunal Eclesiástico para a causa de canonização de Frei Alberto. Dom Roberto Amadei, bispo da diocese de Bérgamo destacou que:

Na casa do seu irmão sacerdote em Borgo Canale, em Bergamo, após 20 anos de sua doença, Frei Alberto continuou a testemunhar Cristo por meio da oração e de sua serenidade [...]Um testemunho importante na sociedade de hoje que considera como pessoas inúteis aqueles que não produzem¹⁰

¹⁰ <https://noticias.cancaonova.com/mundo/igreja-abre-processo-de-beatificacao-de-frei-que-viveu-no-brasil/>

Em Grajaú, o então bispo diocesano Dom Franco Cuter, instalou o processo rogatorial¹¹ em 03 de maio de 2009. Ambos os tribunais (italiano e brasileiro) consistem na coleta de testemunhos de fiéis que alcançaram graças pela intercessão de Frei Alberto, mostrando sua fama de santidade para que seja proclamado oficialmente santo pela Igreja Católica.

3.2 Uma família de Fé unida na Caridade

A família de Frei Alberto era bastante numerosa, ao todo, treze irmãos. Além disso, as características principais da família eram a educação tanto na fé e na caridade, como também na formação profissional. Prova disso é que dos treze filhos, oito se formaram doutores e alguns tornaram-se. Assim como Frei Alberto, padres ou religiosos, conforme Cristofolini:

Dois se formaram engenheiros; um dos dois, além de engenheiro, ficou também padre; o outro, este é o nosso herói, além de médico, também se fez padre; e duas outras irmãs se formaram médicas, uma foi Gianna, a santa, a outra foi Virgínia, Freira e missionária na Índia; enfim, a Zita, formada doutora em farmácia (CRISTOFOLINI, 2011, p. 26).

Como já vimos, a religiosidade dos pais deixou uma herança de fé que foi vivida intensamente tanto para aqueles que se consagraram a serviço do Reino de Deus quanto para os demais. Assim sendo, nos deparamos com a total doação da vida de Frei Alberto a Deus na assistência, sobretudo, aos mais pobres; o engenheiro José, também padre, irmão de Frei Alberto, que veio ao Brasil ajudar em alguns projetos e que pôde testemunhar, de perto, o incansável trabalho de seu irmão Frei Alberto; Virgínia, por sua vez, além de médica tornou-se Freira e missionária na Índia. Foi ela quem acompanhou, no final da missão de Frei Alberto, seu retorno definitivo à Itália.

Além destes três irmãos que se dedicaram à obra da evangelização numa vida celibatária, temos uma emocionante história de Gianna Beretta Molla, a irmã de Frei Alberto, que foi beatificada pelo papa João Paulo II no dia 24 de abril de 1994 e canonizada pelo mesmo papa em 2004.

Gianna Beretta graduou-se em medicina e cirurgia em 1949, (ano da chegada de Frei Alberto ao Brasil) pela Universidade de Pavia (Itália). Em 1950 abriu seu

¹¹ <https://diocesegrajau.org.br/frei-alberto-beretta/processo-rogorial/>

consultório médico em Mêsero. Fez especialização em pediatria na Universidade de Milão (PELUCCHI, 2020, p. 78).

Os ensinamentos religiosos e morais recebidos da família foram vividos de forma intensa em seu matrimônio. Teve quatro filhos: Pierluigi, Laura, Mariolina e Gianna Emanuela pela qual ofereceu a sua vida em sacrifício num gesto que [...] foi objeto de profunda reflexão para muitos que o compreenderam e para muitos outros que têm dificuldade em aceitá-lo. Um gesto extremo de amor, muito mais invulgar hoje, nestes anos cada vez mais difíceis (PELUCCHI, 2020, p. 8).

Um dos pontos que mais merecem destaque na biografia de Gianna Beretta Molla, ao nos questionarmos acerca da sua canonização, que muitas vezes é vista somente devido ao fato heroico de doar a vida pela filha é a vida marcada pela religiosidade, numa vida “normal”, conforme descreve a biógrafa Pelucchi:

Gianna não foi beatificada só por ter morrido ao dar a vida pela vida da sua criatura [...] mas porque, ano após ano, dia após dia, diariamente, [...] se empenhou e conseguiu abandonar-se à vontade de Deus, amando-o e servindo-o em todas as suas criaturas, mas também nas pequenas coisas, sustentada por uma confiança na Providência Divina, até nos gestos mais simples e humildes da vida cotidiana, familiar e profissional. (PELUCCHI, 2020, p. 6).

Se, por um lado, em sua grande maioria a igreja canonizou padres, bispos, religiosos e religiosas, agora encontramos-nos diante de uma mulher, leiga, mãe de família que viveu os ensinamentos do evangelho, testemunhando a fé em seu lar, na comunidade e na sociedade (PELUCCHI, 2020, p. 229). Esta irmã de Frei Alberto manifestava, conforme CRISTOFOLINI (2011, p. 54), o desejo de vir a Grajaú, ajudar seu irmão Frei Alberto em sua missão, fez até especialização em pediatria, e aulas de português, pensando no trabalho ao lado do irmão, pois havia um desejo profundo do médico missionário de ter algum médico que o ajudasse, diante da demanda que sempre aumentava e Gianna, alimentava em seu coração a esperança de servir a Deus na pessoa dos mais pobres no Maranhão, ao mesmo tempo em que rezava pedindo a Deus o discernimento de sua vocação, pois até então não havia casado. Alimentando o desejo de vir ao Brasil em missão junto a Frei Alberto, Gianna escreve:

Estou muito contente por ter recebido a sua carta que me levantou o moral, embora me diga que há muito trabalho a fazer aí e também muita miséria. Estou felicíssima por ir e penso que será certamente a minha vocação. Também tenho orado nesse sentido. No fim do mês

irei fazer uns Exercícios Espirituais para que o Senhor me diga se sim ou se não. (PELUCCHI, 2020, p. 89).

Gianna, que sentia em seu coração o desejo de, a exemplo de seu irmão, também tornar-se missionária em Grajaú, foi cultivando esse desejo, embora sua saúde fosse considerada frágil para o clima da região. Assim, por meio de troca de cartas com Frei Alberto, conselho de seu irmão, padre José, troca de cartas com seu irmão, engenheiro Francisco - que também estava no Brasil para o projeto do hospital - e por último, de seu diretor espiritual, decidiu, mesmo sem bom contentamento, ficar em seu país e foi aconselhada a pensar na formação de uma família (PELUCCHI 2020, p. 81-90)

Pelucchi recorda ainda que pela primeira vez na história um marido participou da canonização de sua própria esposa. Isso demonstra o quanto Gianna Beretta viveu uma fé autêntica na família e na sociedade, conforme relatara seu esposo, Pietro Molla [...] “uma mulher com uma religiosidade e uma indiscutível confiança na providência que nunca a abandonou, nem sequer nos seus últimos meses de vida” (PELUCCHI, 2020, p. 9-10).

A vida da família Beretta foi, de fato, a partir da “igreja doméstica”, vivida na profunda relação entre Deus e os irmãos por meio da caridade fraterna e da vivência sintonizada com a fé professada em Jesus por meio da Igreja católica.

4. FREI ALBERTO E A RELAÇÃO COM A CIÊNCIA/MEDICINA

A vida de Frei Alberto foi uma doação a serviço do Reino de Deus na diocese de Grajaú. Entre as muitas tarefas que lhe eram cabidas na cidade, Frei Alberto fazia as celebrações pelo sertão e aldeias. Ao chegar nos povoados, geralmente com muita dificuldade por conta da precariedade das estradas, o Frei realizava catequese, atendia confissões, a celebração da eucaristia, celebrava demais sacramentos e logo depois acolhia os doentes, consultava e dava medicamentos (CRISTOFOLINI, 2011, p. 132).

Num dos relatos de José, padre engenheiro, irmão de Frei Alberto que o acompanhou na cidade e em algumas comunidades do interior, afirma que para aguentar a maratona que Frei Alberto enfrentava, seria possível somente por um milagre de Deus (CRISTOFOLINI, 2011, p. 139).

A vida de Frei Alberto foi realmente uma verdadeira maratona. Uma correria entre a mesa do altar e o atendimento aos doentes. Em cada povoado ou aldeia que visitava, repetia as tarefas: catequese, missa, confissões e outros sacramentos, sobretudo confissão, batismo e matrimônio.

Vale lembrar que por muito tempo as desobrigas foram feitas a pé ou sob o lombo de mulas e que somente depois foi presenteado com o jeep, que servia também como transporte dos pacientes. Com isso poderia aumentar a quantidade de visitas aos mais diversos povoados e cidades vizinhas que atendia.

Frei Alberto tinha um grande afeto pelos povos indígenas. Nas desobrigas às aldeias, realizava os mesmos procedimentos das demais comunidades do sertão. Uma de suas falas nos faz entender o carinho que tinha para com os indígenas: "Entre meus índios, mais que em qualquer outro lugar, o desejo de amar leva a gente a entregar a vida, mas também a encontrar a outra, a eterna" (CRISTOFOLINI, 2011, p. 75). Essa frase de Frei Alberto foi dita ao monsenhor Carlos Zambetti, que entrevistou o médico missionário em uma de suas viagens de volta à Itália e revela o quanto queria bem aos indígenas, sobretudo quanto à frase "meus índios".

Um dos principais relatos da alegria de Frei Alberto, ao adquirir um jeep, além de servir para transportar os doentes, era a alegria de agora, chegar com mais facilidade às diversas aldeias dos indígenas, que além de difícil acesso ficava bastante longe.

Agora pode atingir também as aldeias dos índios (as aldeias), muito distantes (até 150 quilômetros) e muito isoladas. Eles se mantinham isolados e desconfiavam dos estrangeiros. Eles não permitiram que ninguém entrasse em suas terras [...] Mas para Frei Alberto, depois que a fama de médico também chegou até eles, abriram portas e corações (CAVASSINI; BERETTA, 2018, p. 72, tradução nossa).

Aqui fica evidente que o trabalho missionário da igreja católica junto aos indígenas ainda era bastante lento ou até mesmo inexistente em algumas aldeias. Isso nos leva a refletir acerca do isolamento em que viviam. Será que o histórico do conflito de Alto Alegre, ocorrido há pouco mais de meio século, (contado a partir da chegada de Frei Alberto) tinha relação com essa rejeição?

Mas a prática missionária de Frei Alberto estava “entre o altar e o bisturi”, ciência e Religião comungando da missão do médico missionário. E essa aproximação com os indígenas se deu por meio da prática médica que foi “dividindo lugar” com a prática religiosa:

Alguns anos antes, o chefe de uma de suas aldeias estava muito doente e as curas de seus curandeiros haviam sido inúteis. Então eles disseram um ao outro: "Vamos levá-lo para Grajaú, vamos ver se aquele frade médico pode realmente curá-lo". O "frade-médico" curou-o e a partir daí a sua chegada foi sempre saudada com grande festa. (CAVASSINI; BERETTA, 2018, p. 81, tradução nossa).

Embora não se tenha dados concretos acerca do assunto, podemos dizer que o trabalho missionário da igreja católica junto aos indígenas ganhou uma força com Frei Alberto, que também levava religiosos a conhecer as aldeias, inclusive o bispo, que aproveitava a companhia de Frei Alberto para visitar as aldeias indígenas, conforme relatado por madre Virgínia, religiosa, irmã de Frei Alberto: “Naquela época estava com ele o Bispo, que muitas vezes acompanhava meu irmão em suas viagens, principalmente entre os índios, que, como bem sabeis, eram muito desconfiados e hostis com os estrangeiros”. (CAVASSINI; BERETTA, 2018, p. 81, tradução nossa).

A preocupação de Frei Alberto para com os indígenas se dava pela dificuldade extrema na qual viviam. Isso é relatado nas cartas trocadas com os irmãos da Itália, nas quais descrevia a situação de trabalho e miséria vivida nas aldeias e comunidades isoladas, sem proteção (PELUCCHI, 2020, p. 79).

Outro fato que mostra essa preocupação com os indígenas é a vontade de Gianna Beretta de estar com junto às mães indígenas e suas crianças. Certamente Frei Alberto falara da realidade dura desse povo sofrido. (PELUCCHI, 2020, p. 82).

4.1 Principais trabalhos de Frei Alberto

Em Grajaú o trabalho não parava... entre missas, confissões e atendimentos médicos. Uma de suas principais obras foi o hospital São Francisco de Assis, um legado que ainda hoje é de grande relevância para a população grajauense. A princípio o hospital, além de ser o único de Grajaú, dando conta da assistência do município, também era referência regional, pois além de uma estrutura moderna para a época, a fama de Frei Alberto se espalhara pela região, conforme o portal dos capuchinhos na internet:

Em 1957 ele estava pronto e parecia um prodígio naquele interior do Maranhão, com os meios de transporte daquela época e com a falta de estradas. Mais tarde outras dependências foram acrescentadas. Tornou-se um lugar procurado por multidões, como se fosse um santuário. Todos iam para lá à procura da saúde, atraídos pela caridade de Fr. Alberto. Sua atividade transbordava também para fora do hospital e da cidade de Grajaú, até Amarante, Alto Brasil, Sítio Novo, Alto Alegre, Arame, mesmo através das visitas domiciliares a lugares afastados¹².

Antes da construção do hospital, o Frei atendia os pacientes num ambulatório, um local que foi organizado nas dependências ao lado da catedral. Os atendimentos, porém não se limitavam nas “quatro paredes”, onde quer que houvesse necessidade, lá estava o Frei médico, sobretudo quando se tratava de pessoas em condições precárias de saúde e de condições financeiras.

A construção do hospital foi uma empreitada muito ousada. As dificuldades da época eram inúmeras, a começar pelas estradas, dificultando a chegada de materiais. Além disso, a água era trazida do rio para o abastecimento da obra. Como se as dificuldades já existentes não fossem suficientes, não era difícil o hospital ficar sem água por conta dos caminhões que quebravam a tubulação atravessando o rio (CRISTOFOLINI, 2011, p. 89).

¹² <https://www.capuchinhos.org.br/blog/servo-de-deus-frei-alberto-beretta>.

Ressalta-se também o empenho do então bispo Dom Adolfo Luís Bossi em angariar recursos na Itália para a construção do hospital (CRISTOFOLINI, 2011, p. 52). Muitos obstáculos se fizeram presentes na obra: primeiro porque o projeto foi feito mas a igreja não tinha condições de custear toda a obra; depois porque a população era pequena e muito humilde e apesar de ajudar bastante não era suficiente. Prova disso é que a construção durou mais de uma década para ficar completamente pronta.

O governo brasileiro ajudou bastante na construção, no entanto Frei Alberto, a exemplo de São Francisco de Assis¹³, (CAVASSINI; BERETTA, 2018, p. 150) se fez esmoleiro (CRISTOFOLINI, 2011, p. 88) pelo mundo e conseguiu bastante recursos na Europa junto a amigos, familiares e instituições religiosas para a construção do hospital, sobretudo na Alemanha (CRISTOFOLINI, 2011, p. 63) e na Suíça (CRISTOFOLINI, 2011, p. 93). Os capuchinhos empenharam-se por este trabalho.

Apesar de o hospital começar a funcionar em 1957, os trabalhos continuaram até os acabamentos que foram projetados. Enquanto isso, Frei Alberto já atendia no hospital e trabalhava incansavelmente pela obra. Frei Alberto vivia intensamente sua missão, quase sem tempo para si e quando conseguia um tempinho não hesitava em pegar a colher de pedreiro e partir para a ação na obra. (CRISTOFOLINI, 2011, p. 88)

Com o asfalto já quase chegando em Grajaú, a demanda do hospital aumentou, pois, o acesso permitia que mais pessoas chegassem mesmo dos lugares mais distantes (CRISTOFOLINI, 2011, p. 89). Com isso, Frei Alberto preocupou-se em construir um abrigo nas dependências do hospital para as pessoas que traziam os doentes e não tinham lugar para ficar. Conseguiu construir e colocar para funcionar, com a ajuda da paróquia de seu irmão, na Itália, um local com um amplo espaço destinado a armar redes e uma cozinha para cozinhar para os acompanhantes dos pacientes (CAVASSINI; BERETTA, 2018, p. 115-116).

Além do hospital, outra grande obra de Frei Alberto foi a Vila San Marino. Um lugar à parte, onde construiu casas para cuidar das pessoas com hanseníase, pois estas, viviam isoladas em situações precárias, em choupanas, onde a tendência era aumentar a doença.

Cristofolini, escrevendo os relatos do padre José, irmão de Frei Alberto em umas das visitas aos doentes antes da construção da Vila San Marino, diz: “Quando

¹³ CRISTOFOLINI, 2011, p. 98

chegaram diante do portão foi só buzinar e das várias choupanas os leprosos vieram recebê-los. Uma senhora falou: "Quando Frei Alberto chega aqui aparece o sol"(CRISTOFOLINI, 2011, p. 80). E acerca da celebração dominical com os leprosos relata:

Logo trouxeram a mesa aí no pátio para o altar, o Frei sentou num toco retirado e começaram as confissões. Depois iniciou a santa Missa com cantos e orações. Frei Alberto dirigiu-lhes tocantes palavras cheias de conforto e de esperança: "Estamos construindo Vila São Marino onde vocês terão assistência, serão medicados e curados". (CRISTOFOLINI, 2011, p. 80).

Frei Alberto, antes da construção da Vila, fazia visitas com frequência aos doentes e era recebido com muita alegria, pois além de remédios, trazia cuidados também para a alma, "suas palavras eram de conforto e esperança", como relata (CRISTOFOLINI, 2011, p. 80).

A vila San Marino foi inaugurada oficialmente em março de 1971. Pouco antes, porém, já estavam em solo brasileiro algumas voluntárias da caridade¹⁴, vindas da Itália para a missão no leprosário. Assim, no dia 18 de março os hansenianos deixaram as choupanas e se abrigaram na nova vila preparada para eles, onde tinham a assistência diária das voluntárias da caridade e o acompanhamento médico e espiritual de Frei Alberto, com a colaboração da diocese, até então, prelazia.

Acerca da nova morada para os hansenianos, Mariarosa Toniolo, voluntária da caridade, relatando a missão na vila San Marino, registra que:

Em março de 1971, San Marino ficou pronto, assim no dia 18 os doentes deixaram a "Vila do Mato" para ir morar na Vila San Marino. Um grupo foi andando a pé, outros desceram de barco e os mais doentes o Frei Alberto os levou com a ambulância do hospital (a noite quando foram dormir pareciam como crianças, cansadas e felizes)¹⁵.

Ainda por ocasião da inauguração da Vila San Marino, Mariarosa relembra:

O dia 19 de março, festa de São José, de manha cedo, todos os doentes levantaram, tomaram café e ficaram esperando para participar da santa missa de inauguração da Vila San Marino. O entusiasmo, a alegria e as emoções tomavam conta de todos os corações. Alegria grande foi também de Dom Adolfo, Frei Alberto, Dom Emiliano e todos os padres, por ter realizado um grande sonho, o de ter dado aos hansenianos uma morada digna¹⁶.

¹⁴ As leigas consagradas voluntárias da caridade vieram da Itália trazendo ajuda financeira para a construção da vila San Marino e ficaram responsáveis pela administração da mesma, de trabalharam

¹⁵ <https://www.piccolorifugio.org/media/482337/brasile%20mariarosa%20san%20marino.pdf>

¹⁶ <https://www.piccolorifugio.org/media/482337/brasile%20mariarosa%20san%20marino.pdf>

As voluntárias da caridade estiveram à frente dos trabalhos da vila San Marino por vários anos, testemunhando a fé em Jesus na pessoa do pobre, doente e excluído. Junto com Frei Alberto deram esperança e curaram diversas pessoas, sempre mostrando a importância de cada ser humano aos olhos de Deus. Palavras de conforto e esperança faziam parte do cotidiano da vila.

Uma das características principais das voluntárias da caridade era fazer com que os seus doentes se sentissem especiais; sentir que faziam parte da sociedade; sentir que não eram excluídos. Por isso realizavam catequese, organizavam danças, brincadeiras, que inclusive apresentaram a dança do bumba-meu-boi (CAVASSINI; BERETTA, 2018, p. 103) no aniversário de bodas de prata de ordenação sacerdotal do bispo Dom Valentim, em 1975. Frei Alberto acompanhava os doentes da vila regularmente e celebrava a santa missa aos domingos, onde também atendia as confissões e administrava os sacramentos àqueles que precisavam.

Vale ressaltar que no dia 28 de janeiro de 2023 o bispo diocesano de Grajaú, dom Rubival Cabral Brito, por meio de protocolo nº 007/2023 comunicou uma mudança de acolhida na vila San Marino. Os trabalhos da Vila serão dirigidos pela comunidade Católica Boa Nova e ainda, segundo o bispo, não perderá o carisma de Frei Alberto, pois passará a acolher “os ‘leprosos de nosso tempo; muitos deles vivem marginalizado, excluído, vítima das drogas¹⁷”.

Em relação à mudança, o comunicado diocesano explica que:

O San Marino foi desejado, rezado, pensado com leprosário, espaço para acolher os portadores de hanseníase, pessoas excluídas do convívio familiar e social. Assim funcionou por vários anos. A legislação brasileira, as políticas públicas ordenaram que estes irmãos nossos não mais vivessem em leprosário e, sim, em família, em sociedade, dado o avanço das ciências e as novas possibilidades de tratamento. Assim, todas instituições que trabalhavam com os antigos leprosários, inclusive o San Marino passou a acolher idosos, pessoas com necessidades especiais ou abandonadas pelas famílias e pela sociedade¹⁸.

¹⁷ <https://diocesegraju.org.br/noticias/comunicacao/>

¹⁸ <https://diocesegraju.org.br/noticias/comunicacao/>

Por isso, a nota enfatiza que “a Vila San Marino será o espaço de acolhida dos nossos irmãos que são vítimas das dependências da drogadição¹⁹”. E em relação aos idosos que ainda estavam na vila, o comunicado afirma:

Em nossa Cidade de Grajaú temos o Abrigo São Vicente que vem sendo referência no cuidado com nossos idosos e que recentemente passou por reformas e ampliação; espaço este, perto dos cuidados médicos, hospitalar e dos atendimentos necessário aos cuidados necessários que a pessoa idosa precisa. *O Abrigo São Vicente é doravante o Espaço de Referência de Nossa Missão no cuidados dos Idosos.*²⁰

Tendo em vista a nova realidade do espaço, esta decisão renova o espírito da missão naquele local e “...será espaço de acolhida, cuidado, cura das feridas que matam e fazem sofrer nossas famílias, nossa sociedade, nossas Comunidades Eclesiais. Esta realidade promove exclusão²¹”.

Portanto, a Vila San Marino apesar de não receber mais hansenianos, como foi pensado no projeto inicial, agora recebe pessoas com dependência química para receber tratamento. Certamente Frei Alberto estará contente, primeiramente porque aquele sofrimento dos doentes que sofriam na pele em todos os sentidos já não mais existe, pois o tratamento é feito em casa, sem risco de contágio e ao mesmo tempo sua obra permanece viva em nosso meio, servindo como espaço de acolhida e cura. O trabalho de hoje não é menos importante do que sarar as feridas da pele – como era o caso da hanseníase – mas também curar as feridas da alma dos dependentes químicos e de suas famílias que tanto sofrem

Muitas outras construções foram executadas por Frei Alberto, sobretudo, igrejas e ambulatorios com o apoio de seus irmãos engenheiros e de muitas pessoas que se colocavam a disposição para ajudar.

4.2 Santidade: entre fé e ciência

Frei Alberto desdobrava-se entre o trabalho de sacerdote e médico. ‘Como já mencionado anteriormente, o médico missionário era incansável e sempre buscando

¹⁹ <https://diocesegraju.org.br/noticias/comunicacao/>

²⁰ <https://diocesegraju.org.br/noticias/comunicacao/>

²¹ <https://diocesegraju.org.br/noticias/comunicacao/>

aprender, tendo em vista as mais diversas situações que devia atender. Por isso, precisava aprender ao máximo de especialidades da medicina.

No portal dos capuchinhos na internet, encontramos algumas de suas áreas de atuação, bem como as demandas que lhe chegavam:

Sendo médico, cirurgião, ginecologista, oftalmologista, obstétrico, fisiólogo e tantas outras coisas, acorriam em continuação para ele apresentando-se casos os mais disparatados e às vezes "desesperados", e ele sempre atendia com sua inexaurível perícia e bondade²².

Assim, podemos perceber que a prática missionária de Frei Alberto tinha uma ligação verdadeira com a fé. Como afirma Cristofolini descrevendo os relatos de padre José, irmão de Frei Alberto, ao contar algumas conversas que atestam que a habilidade médica do missionário estava intrinsecamente ligada à confiança em Deus:

Certo dia, chegou ao hospital uma pobre mãe me trazendo nos braços o filho de uns dois anos, sangrando. O moleque estava brincando com o facão e caiu bem em cima da ponta que entrou na barriga e saíram os intestinos. A mãe os recolheu no chapéu do pai, sujos de terra e cheios de moscas e me procurou chorando: 'Frei Alberto, salve meu menino!'
Lavei os intestinos com água morna, desinfetei, inclusive a cavidade abdominal, depois coloquei tudo lá dentro, costurei da melhor maneira e pedi a Deus que cuidasse dele. (CRISTOFOLINI, 2011, p. 84).

Este relato foi feito pelo próprio Frei Alberto a seu irmão engenheiro e padre José, que veio da Itália de férias para ajudar seu irmão, vivenciando um pouco de sua árdua missão.

Um grande testemunho da humildade de Frei Alberto e de sua paixão pela ciência, na realização de seu trabalho, pode ser assistido em um vídeo no YouTube²³ e lido em (CAVASSINI; BERETTA, 2018, p. 94-96). No vídeo, o médico Henrique Augusto relata uma convivência com Frei Alberto no atendimento aos doentes e na realização de várias cirurgias. O médico revela que era agnóstico e que começou a conversar com o padre João Mohana²⁴ acerca da fé. Muitas foram as tentativas do sacerdote Mohana em converter o médico, mas não obteve êxito.

²² <https://www.capuchinhos.org.br/blog/servo-de-deus-frei-alberto-beretta>.

Foi cirurgião, anestesista, ginecologista, obstetra, fisiologista, oftalmologista, otorrinolaringologista e outras especialidades. (CAVASSINI; BERETTA, 2018, p. 34, tradução nossa).

²³ <https://youtu.be/LWTxUGrrJQ8?si=PS28g-kaVzU-Dbi1>

²⁴ João Miguel Mohana (15 de junho de 1925 — 12 de agosto de 1995) foi um padre, médico, psicólogo e escritor brasileiro. Viveu nas cidades de Coroa, Bacabal e Viana até o final de sua adolescência,

Certo dia, o sacerdote Mohana pede que doutor Henrique Augusto ajudasse um padre médico no interior do estado a realizar algumas cirurgias (CAVASSINI; BERETTA, 2018, p. 94-96, tradução nossa).

O médico aceitou o convite e partiu para Grajaú, onde conheceu Frei Alberto e começou os atendimentos. Segundo Henrique Augusto, a humildade de Frei Alberto era admirável, o que certamente o fazia acessível a todos.

No seu testemunho, que também foi escrito para a causa da canonização de Frei Alberto, doutor Henrique explica que se converteu ao catolicismo na terceira vez que voltou a realizar os trabalhos com o médico missionário em Grajaú. No entanto, essa conversão deu-se sem nenhuma palavra acerca de Jesus ou da religião, mas unicamente pelo testemunho da vida do Frei, na doação, no carinho e na atenção que dava ao povo e na admiração e carinho do povo com ele.

Por isso também observamos que a prática médica de Frei Alberto era indissociável de seu ministério sacerdotal. Doutor Henrique pede a Frei Alberto o sacramento da confissão e passa a comungar, participando ativamente da eucaristia e da comunidade.

Frei Alberto falava de Jesus com suas ações. Seu trabalho ia além da cura das enfermidades corporais, tamanha era a confiança do povo em seu trabalho. Como já mencionado, era homem de poucas palavras, mas o que realmente impressionava e o identificava era seu exemplo: “Meu irmão absolutamente não era orador, não gostava de palavras, mas o que fazia era seu exemplo, sua própria vida: era tão apaixonante, envolvente, que fascinava” (CAVASSINI; BERETTA, 2018, p. 34, tradução nossa).

Suas palavras, embora poucas, eram carregadas de sabedoria, confiança, esperança e entusiasmo e sempre levavam à relação da cura do corpo com a cura da alma, a confiança em Jesus que é o “verdadeiro médico” e ao mesmo tempo o próprio “remédio” que cura e que liberta Ele sempre “...tinha uma palavra de coragem e carinho, e todos ficavam felizes e parecia que todos os seus males tinham desaparecido...” (CAVASSINI; BERETTA, 2018, p. 8, tradução nossa).

quando decidiu trasladar-se para São Luís a fim de iniciar seus estudos secundários. Apesar de ter sido obrigado a seguir medicina, sua grande vocação era o sacerdócio e, em 1955, após a morte de seu pai, entrou para o Seminário de Viamão, no Rio Grande do Sul, tornando-se padre em 1960. Em 1970, foi eleito membro da Academia Maranhense de Letras, ocupando a cadeira nº 3. <https://www.livrosmolokai.com.br/autores/padre-joao-mohana/>

Ora, associação do seu sacerdócio com a medicina era tão grande que Cristofolini, (2011, p. 87) remete à mesa operatória como o outro altar imprescindível em sua prática missionária, do mesmo modo que faz da medicina outro sacerdócio.

Essa profunda ligação da religião e ciência na prática missionária de Frei Alberto era vivida tão intensamente que até mesmo nos atendimentos feitos no hospital ele usava os trajes da ciência (medicina), que era um jaleco branco e religioso, um hábito de monge. Assim:

Ambos os vestidos eram importantes e um embelezava o outro. Ele havia encontrado a síntese das duas vestes em sua espiritualidade. Não tirava o hábito para vestir a bata, como se quisesse dividir a sua vida em duas partes, como se quisesse justapor dois sectores não comunicantes. Ele tinha um centro e esse centro era Cristo. Nele, tanto a sua consagração religiosa como a sua profissão médica encontraram harmonia (CAVASSINI; BERETTA, 2018, p. 7, tradução nossa).

Cavassini e Beretta afirmam ainda que a prática missionária de Frei Alberto:

não pode ser atribuída nem apenas a um trabalho de saúde, como tantos outros médicos generosos que trabalham em difíceis situações de saúde, nem exclusivamente a uma pregação evangélica alheia à vida concreta do pobre e à sua materialidade sofrimentos, mas em vós declarais a fecundidade do Evangelho, capaz de conjugar a atenção às condições de vida do homem e o horizonte de esperança prometido por Deus (CAVASSINI; BERETTA, 2018, p. 6, tradução nossa).

Assim, percebe-se que o fecundo “duplo sacerdócio” de Frei Alberto também logrou êxito pela simplicidade, humildade, habilidade e pela fé, tanto do médico, quanto das pessoas que a ele recorriam. Prova disso é que alguns fatos narrados pelo médico missionário a seu irmão relatam que chegavam alguns casos muito delicados. Ele fazia tudo o que era possível a um médico e afirma que “quase todos os dias sou testemunha dos milagres de Deus em favor dessa pobre gente que a Ele recorre com fé”. (CRISTOFOLINI, 2011, p. 84).

Em sua prática científica, Frei Alberto, aprendeu do discípulo (CAVASSINI; BERETTA, 2018, p. 61) de Filatov a técnica do uso das células tronco. Por isso em cartas enviadas aos irmãos na Itália, diz que está fazendo “muitos enxertos em crianças paralíticas”. A técnica foi utilizada em muitos casos, sobretudo com as crianças (CRISTOFOLINI, 2011, p. 84) e os hansenianos, com os quais obteve resultados maravilhosos em pouquíssimo tempo (CAVASSINI; BERETTA, 2018, p.

138). Além disso relata o caso de um acompanhamento a uma criança com aplicação enxerto há cinco meses e que a criança já conseguiu dar alguns passos (CAVASSINI; BERETTA, 2018, p. 116).

Atenção, simplicidade e cuidado faziam parte do ambiente de trabalho de Frei Alberto. Ele mesmo orientava às pessoas que trabalhavam com ele com os cuidados necessários aos pacientes. Essas orientações sempre cheias de acolhimento e carinho: "Seja os olhos de quem não vê, a palavra de quem não pode falar; as pernas de quem não pode sair da cama; o coração de quem não pode mais sabe amar" (CAVASSINI; BERETTA, 2018, p. 10, tradução nossa).

Estas instruções, sobretudo quando mencionado o coração, faz repensar na maneira de agir e sentir. Aí estava implícito também o cuidado religioso. Desta forma, provoca-nos no sentido de indagar acerca da relação ciência e fé. Até que ponto a fé ajuda no processo de melhora ou cura dos pacientes? Existe realmente essa relação?

Apesar de fazermos uma breve abordagem acerca dessa discussão, embora já abordada em relatos anteriores p. 49 e 51 (CRISTOFOLINI, 2011, p. 84), fica evidente que a fé é imprescindível em sua prática missionária.

Frei Alberto dedicava-se com intensidade às pesquisas e estava sempre atento aos avanços da ciência, que por sinal, o uso das células troncos prova o quanto avançado estava a sua atuação científica, além dos aperfeiçoamentos e pesquisas que fazia em suas férias, na Itália.

Frei Alberto: "...queria que, mesmo para as enfermeiras, especialmente se fossem Freiras, o cuidado do corpo nunca fosse separado do espírito". (CAVASSINI; BERETTA, 2018, p.99, tradução nossa). Todo o cuidado na preparação de sua equipe, certamente vai de encontro a essa profunda ligação de ciência e religião, que:

Apesar da ausência de evidências sólidas dos benefícios da associação de tratamento médico integrado com a religiosidade dos pacientes, acredita-se que os benefícios existam. Evidente que devemos levar em consideração os limites da medicina e o poder da religião. (MUCCIOLI, Cristina, et al., 2007).

Neste sentido além da relação ciência e religião entra em cena, ainda na segunda metade do século XX, nas orientações de Frei Alberto aos seus auxiliares no hospital aquilo que posteriormente ficou conhecida como medicina humanizada, que "é uma proposta de atendimento médico diferenciada, que coloca as necessidades dos pacientes em primeiro lugar. Assim, não depende apenas dos médicos, mas de toda a

equipe que interage com os pacientes”²⁵. Este conceito, porém, só chegou ao Brasil a partir dos anos 2000 e dentre os seus benefícios está o aumento na eficácia no tratamento dos pacientes. Mais uma vez podemos dizer que Frei Alberto é pioneiro, desta vez na aplicação deste modelo de atendimento.

Nos testemunhos de pessoas que conviveram com Frei Alberto, deparamo-nos com a figura de um homem paciente (CAVASSINI; BERETTA, 2018, p. 74) que suportava as adversidades com mansidão (CAVASSINI; BERETTA, 2018, p. 97). Sua generosidade em “ter ou fazer” tempo para todos que o procuravam, deixava muitas lições a quem convivia com ele. Sua entrega de corpo e alma se dava porque ele “amava tanto cada pessoa que se identificava com seus problemas, seus sofrimentos” (CAVASSINI; BERETTA, 2018, p. 111).

Um dos testemunhos do serviço amoroso de Frei Alberto é relatado por uma enfermeira que o acompanhava numa segunda-feira, depois de um final de atendimentos médicos e celebrações no interior. Ela queixou-se com o Frei pelo fato de ele parar em todos os lugares onde o povo, sabendo que ele passaria por lá, o esperava, afirmando que se ele continuasse a parar daquela maneira frequente, não chegariam em casa nem à noite. Diante disso, o médico missionário responde com humildade:

Se você morasse longe do interior, se você estivesse doente e soubesse que naquele dia do mês o doutor Frei Alberto passa por aquela rua e você esperasse ansiosamente por ela e quando ela passasse ela não olhasse para você e continuasse correndo, o que você diria? (CAVASSINI; BERETTA, 2018, p. 111).

Essas verdadeiras lições de vida ficaram marcadas em quem presenciava tais acontecimentos. Sua prática missionária fez desenvolver em parte da população um sentimento de proteção, tal era o carinho com o qual tratava as pessoas. Além disso é exatamente por isso que fez brotar a fama de santidade do missionário, que inclusive, entre os testemunhos colhidos para a causa de beatificação há testemunho de que Frei Alberto tinha o dom da ubiquidade. A testemunha relata que mesmo estando na Itália, realizou o parto de sua esposa em uma cabana isolada no sertão.

A figura do médico missionário em Grajaú representa muito mais do que um médico sacerdote que viveu testemunhando com a própria vida o evangelho, representa também um ícone da construção do desenvolvimento do município e uma

²⁵ <https://medicina.ucpel.edu.br/blog/medicina-humanizada/>

maneira peculiar de amar a Deus na pessoa dos irmãos, sobretudo os mais pobres. Frei Alberto foi proclamado servo de Deus, pela igreja católica. Esse título se dá quando a igreja abre oficialmente o processo de canonização. Agora, está marcado para dezembro deste ano (2023) a data em que o papa irá declarar venerável o servo de Deus Frei Alberto Beretta. Com a declaração de venerável a igreja *reconhece que o candidato viveu uma vida de santidade exemplar*²⁶. Após essa fase são investigados milagres para beatificação e canonização.

²⁶ <https://misericordia.com.br/entenda-como-funciona-o-processo-de-canonizacao-na-igreja-catolica/>

5. CONCLUSÃO

A vida de Frei Alberto Beretta é um verdadeiro exemplo de fé e amor. Sua trajetória indica um ser humano dedicado ao bem comum, sobretudo com os menos favorecidos.

Sua prática missionária associa religião e ciência num projeto de caridade e doação, a ponto de oferecer-se inteiramente até as últimas consequências. Do mesmo modo, Galileu Galilei, convencido das verdades obtidas por meio de demonstrações científicas, luta com toda força e dedica-se inteiramente para provar que não existia contradição entre a Bíblia e o sistema Copernicano.

Para Galileu eram necessárias muitas palavras, trocas de cartas, livros... pois era a forma de tentar explicar aos "corações endurecidos" que era possível entender a mensagem das Sagradas Escrituras, mesmo quando apresentasse palavras fora do seu som literal.

Já o humilde médico missionário falava mais com seus gestos do que com as palavras. Suas ações faziam com que o povo o admirasse e tivessem tanto carinho e confiança.

Galileu, abriu caminhos, mesmo que não de imediato, para que a ciência pudesse gerar frutos para a humanidade. Ao mesmo tempo em que sua voz ecoou para que a ciência caminhasse independente das autoridades eclesiásticas, abriu caminhos para que muitos da vida consagrada e religiosa pudessem empreender estudos e pesquisas que foram imprescindíveis para a humanidade.

Com isso, a ciência ganhou não somente independência da religião, mas também uma convivência harmônica ou até uma interdependência, levando em conta a prática missionária de frei Alberto.

Galileu foi ousado diante do sistema religioso em seu contexto histórico, não temendo sequer a inquisição, entretanto, sempre agindo prudentemente em suas palavras para não parecer querer contrariar as "verdades da fé". No entanto, o fato de ele sugerir uma nova interpretação de alguns textos bíblicos despertou uma certa ira em alguns teóricos que o atacavam com suas palavras.

Portanto, diante destes dois grandes personagens, observamos que ambos, por caminhos diferentes, mostraram que é possível haver harmonia entre religião e

ciência. Prova disso é que a igreja católica precisa que a ciência estude os casos de um possível milagre e caso não haja uma explicação científica é atribuído um milagre.

Galileu precisava lutar para “provar” o sistema copernicano. Frei Alberto lutou, sem precisar provar nada, apenas movido pela vocação. E é exatamente sua vocação que lhe fez conciliar religião e ciência com perfeita harmonia.

Frei Alberto foi um instrumento usado por Deus para abençoar o povo de Grajaú. Essa benção espalhou-se ao longo do território da diocese e por onde ele passava deixava os rastros da simplicidade e da caridade, fazendo-se instrumento de Deus, como reza a oração do pai seráfico São Francisco de Assis: “*Senhor, fazei-me instrumento de vossa paz...²⁷*”.

Muitos testemunhos de graças recebidas foram catalogados pela Igreja Católica para a causa de beatificação de frei Alberto. A previsão é que em dezembro deste ano a igreja o declare venerável.

Para muitos cristãos católicos de Grajaú, sobretudo os que conheceram pessoalmente frei Alberto, este já é considerado santo, pela profunda doação com a qual testemunhou Jesus por meio da vivência do evangelho e por meio da vivência do ideal de São Francisco de Assis, que deixou tudo que tinha para servir Jesus junto aos pobres e marginalizados.

²⁷ <https://formacao.cancaonova.com/igreja/santos/oracao-de-sao-francisco/>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVASSINI, Jolanda; BERETTA, Virginia. **Il medico di Grajàu**. Padre Alberto Beretta, missionario cappuccino in Brasile (Italiano). Bérgamo: Editora Velar, 2018.

PELUCCHI, Giuliana. **O amor maior**: a história de Santa Gianna. Dois Irmãos: Minha Biblioteca Católica, 2020.

GALILEI, Galileu. **Ciência e fé** Galileu Galilei. São Paulo: Unesp. 2 Ed, 2009.

CRISTOFOLINI, Hilário. **Frei Alberto Beretta**: o herói santo de Grajaú. São Paulo: Editora Santuário, 2011.

CAFFULLI, Giuseppe. **Frei Alberto Beretta**: frade capuchinho médico missionário. Gráfica Barra do Corda: Gráfica Assegraf, 2009.

SPREAFICO, Serafino. **Frei Alberto Beretta**: medico, capuccino, missionario, sacerdote, vittima. [S. I.]: Ristampa Maggio, 2008.

CABRAL, Maria do Socorro Coelho. **Caminhos do gado**: conquista e ocupação do sul do Maranhão. São Luís: SIOGE, 1992.

DIOCESE DE GRAJAÚ. **Um pouco de nossa história**. Grajaú. Disponível em <https://diocesegraju.org.br/diocese/um-pouco-de-historia-da-diocese-de-grajau/>. Acesso em: 28 jun. 2023.

CONFERÊNCIA DOS CAPUCHINHOS DO BRASIL. **Servo de Deus Frei Alberto Beretta**. Institucional: história. Brasília. Disponível em: <https://www.capuchinhos.org.br/blog/servo-de-deus-Frei-alberto-beretta>. Acesso em 11 jan. 2023.

DIOCESE DE GRAJAÚ. **Características Gerais**: histórico. Grajaú: Diocese de Grajaú. Disponível em: <https://diocesegraju.org.br/diocese/caracteristicas-gerais/>. Acesso em: 22 jul. 2023.

PADRE JOÃO MOHANA OFICIAL. **A conversão de um agnóstico**: Dr. Henrique Augusto. Disponível em: <https://youtu.be/lwtxugrrjq8?si=ps28g-kavzu-dbi1>. Acesso em 10 jun. 2023.

REVISTASUNIPAR. **Os anos dourados do capitalismo**: breve abordagem sobre o Crescimento do Capitalismo disponível em: <https://ojs.revistasunipar.com.br/index.php/akropolis/article/view/1759/1528>. Acesso em 21/01/2023

MARICONDA, Pablo Rubén. **O Diálogo de Galileu e a Condenação**. Cad. Hist. Fil. Ci. Campinas, Série 3, v. 10, n. 1, p. 77-160, jan.-jun. 2000.

BROLLO, Ana Paula. **Galileu Galilei**: Carta à Senhora Cristina de Lorena, Grã-Duquesa de Toscana. PUC/ São Paulo, 2006.

RODRIGUES E JÚNIOR. **O Cristianismo como o berço da Ciência Moderna e suas Influências na Investigação Científica**. Editora Acadêmica Periodicojs. Vol. 03 - n 02, 2022.

LIVROS MOLOKAI. **Padre João Mohana**. Disponível em: <https://www.livrosmolokai.com.br/autores/padre-joao-mohana/>. Acesso em: 18 jun. 2023.

SANTOS, Maria Lizete de Jesus. **Projeto para o grupo missionário da paróquia Santa Maria Regina de Verona**. In: PICCOLO Rifugio. 2011. Disponível em: <http://www.piccolorifugio.org/lista-news/2011/marzo/brasil-vila-san-marino-agraju.aspx>. Acesso em: 18 jun de 2023.

TONIOLO, Mariarosa. **A primeira presença das Voluntárias da Caridade em Grajaú** PICCOLO Rifugio. Disponível em: www.piccolorifugio.org/media/482337/brasile%20mariarosa%20san%20marino.pdf. Acesso em: 30 nov. 2022.

CANÇÃO NOVA. **Igreja abre processo de canonização de Frei que viveu no Brasil**. Disponível em: <https://noticias.cancaonova.com/mundo/igreja-abre-processo-de-beatificacao-de-Frei-que-viveu-no-brasil/>. Acesso em 15 jan. 2023

DIOCESE DE GRAJAÚ. **Frei Alberto Beretta**: Processo Rogatorial. Disponível em: <https://diocesegraju.org.br/Frei-alberto-beretta/processo-rogoratorial/>. Acesso em: 15 jan. 2023.

EBIOGRAFIA. **São Francisco de Assis**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/sao_francisco_de_assis/. Acesso em 23 ago. 2022

ALIANÇA DE MISERICÓRDIA. **Entenda como funciona o processo de canonização na Igreja Católica**. Disponível em: <https://misericordia.com.br/entenda-como-funciona-o-processo-de-canonizacao-na-igreja-catolica/>. Acesso em 20 mar. 2023

TRINTIN, J. G. e ROSSONI, S. R. M. **Os anos dourados do capitalismo**: breve abordagem sobre o crescimento capitalista. Akrópolis - Revista de Ciências Humanas da UNIPAR, v. 7, n.27, 1999. p. 49-60.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS. **Medicina humanizada**. Pelotas. Disponível em <https://medicina.ucpel.edu.br/blog/medicina-humanizada/>. Acesso em 15 ago. 2023.